

NORDEI ELIAS
O PROCESSO
CIVILIZADOR

Volume 1:

Uma História dos Costumes

APRESENTAÇÃO: RENATO JANINE RIBEIRO



JORGE ZAHAR EDITOR

Publicado originalmente sob o título
Über den Prozess der Zivilisation, vol.1, em 1939,
por Haus zum Falken, de Basileia, Suíça

Tradução autorizada da versão inglesa, feita por Edmund Jephcott,
publicada por Basil Blackwell, de Oxford, Inglaterra, em 1978

Copyright © 1939, Norbert Elias

Copyright © 1990 da edição em língua portuguesa:
Jorge Zahar Editor Ltda.

rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (021) 240-0226 / fax: (021) 262-5123

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação do copyright. (Lei 5.988)

Edição para o Brasil

Capa: Gustavo Meyer

Ilustração: *O castal Robert Andrews*,
Thomas Gainsborough, 1748 (detalhe)

Composição: TopTextos Edições Gráficas Ltda.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Elias, Norbert, 1897-1990

E41p
2.ed. v.1
O processo civilizador / Norbert Elias; tradução, Ruy
Jungman; revisão e apresentação, Renato Janine Ribeiro
— Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 2v.

Tradução de: *Über den Prozess der Zivilisation*, vol.1
Conteúdo: v.1. Uma história dos costumes — v.2. For-
mação do estado e civilização

ISBN 85-7110-106-X (v.1)
85-7110-257-0 (v.2)

1. Cultura. 2. Civilização. 3. Ocidente - História. 4. Soci-
ologia política. I. Ribeiro, Renato Janine. II. Título.

93-1286

CDD - 900
CDU - 008

especial dos hábitos à mesa, eles nos fornecem informações detalhadas — sempre sobre o mesmo aspecto da vida social — que se estendem mais ou menos sem interrupção, mesmo que elas ocorram a intervalos fortuitos, de pelo menos o século XIII aos séculos XIX e XX. Neste caso, as imagens podem ser vistas em séite, e tornados visíveis segmentos do processo total. E talvez seja uma vantagem, e não o contrário, que modos de comportamento de um tipo relativamente simples e elementar sejam observados, nos quais é relativamente pequeno o escopo para variação individual.

Esses *Tischzuchten* e livros sobre boas maneiras constituem um gênero literário em si. Se a herança escrita do passado é examinada principalmente do ponto de vista do que estamos acostumados a chamar de “importância literária”, então a maior parte deles não tem valor. Mas se analisamos os modos de comportamento que, em todas as idades, cada sociedade esperou de seus membros, tentando condicioná-los a eles, se desejamos observar mudanças de hábitos, regras e tabus sociais, então essas instruções sobre comportamento correto, embora talvez sem valor como literatura adquirem especial importância. Lançam alguma luz sobre elementos do processo social em relação aos quais só possuímos, pelo menos no que se refere ao passado, pouquíssimas informações diretas. Mostram-nos com exatidão o que estamos procurando — isto é, o padrão de hábitos e comportamento a que a sociedade, em uma dada época, procurou acostumar o indivíduo. Esses poemas e tratados são em si mesmo instrumentos diretos de “condicionamento” ou “modelação”,⁴⁰ de adaptação do indivíduo a esses modos de comportamento que a estrutura e situação da sociedade onde vive tornam necessários. E mostram ao mesmo tempo, através do que censuram e elogiam, a divergência entre o que era considerado em épocas diferentes, maneiras boas e más.

IV

Do Comportamento à Mesa

parte I

Exemplos

a) Exemplos que representam o comportamento da classe alta em forma razoavelmente pura.

A

Século XIII

Vejam os poemas de Tannhäuser sobre as maneiras corteses.⁴¹

1. Considero homem bem educado aquele que sempre pratica boas maneiras e nunca se mostra grosseiro.
2. Há muitas formas de boas maneiras e elas servem a muitos bons fins. O homem que as adota nunca erra.
25. Quando comes, não esqueças os pobres. Deus te recompensará se os tratares bondosamente.
33. Um homem refinado não deve arrotar na colher quando acompanhado. É assim que se comportam pessoas na corte que praticam má conduta.
37. Não é polido beber no prato, embora alguns que aprovam esse grosseiro hábito insolentemente levantem o prato e o sorvam como se fossem loucos.
41. Os que caem sobre os pratos como suínos quando comem, bufando repugnantemente e estalando os lábios...

No verso 25. Cf. com a primeira regra de Bonvicino da Riva.

A primeira é esta: quando à mesa, pensa primeiro nos pobres e nos necessitados.

De *Ein spruch der ze tische kêrt* (Uma palavra àqueles à mesa).⁴²

313. Não deves beber no prato. Com uma colher é correto.
315. Os que se levantam e fungam repugnantemente sobre os pratos, como se fossem suínos, pertencem à classe dos animais do campo.
319. Bufar como um salmão, comer voraz e ruidosamente como um texugo e queixar-se enquanto come — eis três coisas inteiramente indecorosas.

ou

Em *Cortésias*, de Bonvicino da Riva:

Não arrotas quando estiveres comendo com uma colher. Isto é um hábito bestial.

ou

Em *The Book of Nurture and School of Good Manners*: 43

201. E não sorvas ruidosamente a tua sopa.
Em momento algum em toda a tua vida.

45. Algumas pessoas mordem um pedaço de pão e, em seguida, mergulham-no grosseiramente no prato. Pessoas refinadas rejeitam essas más maneiras.
49. Algumas pessoas roem o osso e recolocam-no na travessa. Isto é uma grave falta de educação.
53. Os que gostam de mostarda e sal devem ter o cuidado de evitar o sujo hábito de neles pôr os dedos.
57. O homem que limpa a garganta pigarreando quando come e o que se assoa na toalha da mesa são ambos mal-educados, isto vos garanto.
65. O homem que quer falar e comer ao mesmo tempo, e fala no sono, nunca descansará tranquilamente.
69. Não sejas barulhento à mesa, como algumas pessoas são. Lembrai-vos, meus amigos, que coisa alguma é tão grosseira.
81. Considero maneiras péssimas alguém com a boca cheia de comida e que bebe ao mesmo tempo, como se fosse um animal.

No verso 45. Cf. *Ein spruch der ze tische kèrt*:

346. Que as pessoas refinadas sejam poupadas daqueles que roem os ossos e os recolocam na travessa.

ou

De *Quisquis es in mensa* (Para àqueles à mesa):⁴⁴

Uma porção que foi provada não deve ser devolvida ao prato de servir.

No verso 65. Cf. *Stans puer in mensam* (O menino à mesa):⁴⁵

22. Numquam ridebis nec faberis
ore repleto.

Jamais rias ou converses
com a boca cheia.

No verso 81. Cf. *Quisquis es in mensa*:

15. Qui vult potare debet prius
os vacuare.

Se queres beber, em primeiro
lugar esvazia a boca.

ou

De *The Babees Book*:

149. E de modo algum bebas com a boca cheia.

85. Não deves soprar sua bebida, como alguns gostam de fazer. Isto é um hábito grosseiro que deve ser evitado.
94. Antes de beber, enxuga a boca para não sujar a bebida. Este ato de cortesia deve ser observado em todas as ocasiões.
105. É má educação inclinar-se sobre a mesa quando se come, como também conservar o capacete quando se serve senhoras.
109. Não coces o pescoço com a mão nua quando estiveres comendo. Se tiveres que fazer isso, usa educadamente o casaco.
113. E é mais decoroso coçar-se assim do que sujar a mão. Os presentes notam quem se comporta dessa maneira.
117. Não limpes os dentes com a ponta da faca, como fazem algumas pessoas. Isto é um mau hábito.
125. Se alguém está acostumado a afrouxar o cinto à mesa, acredita quando digo que ele não é um verdadeiro cortesão.
129. Se um homem à mesa limpa o nariz com a mão e não sabe que não deve fazer isso, então, acredita, ele é um idiota.

No verso 85. Cf. com *The Book of Curtesye*.⁴⁶

111. Não sopres tua bebida ou tua comida,
Nem para esfriá-las nem para aquecê-las.

No verso 94. Cf. *The Babees Book*:

155. Quando beberes,
enxuga a boca com um pano.

ou

De Contenance de table (Guia de comportamento à mesa).⁴⁷

Não babes enquanto bebes, porque isto é um hábito vergonhoso.

No verso 105. Cf. *The Babees Book*:

Nem sejas visto debruçado sobre a mesa.

No verso 117. Cf. *Stans puer in mensam*.⁴⁸

30. Mensa cultello, dentes mundare
caveto.
Evita à mesa limpar os dentes com a faca.

141. Ouvi dizer que alguns comem sem lavar as mãos (se isto é verdade, é um mau sinal). Que seus dedos fiquem paratíticos!

157. Não é educado enfiar os dedos nas orelhas ou nos olhos, como fazem algumas pessoas, ou introduzi-los no nariz, quando estiveres comendo. Esses três hábitos são feios.

B

Século XV?

De S'ensuivent les contenances de la table (Estas são boas maneiras à mesa):⁴⁹

I

Aprende estas regras.

II

Toma o cuidado de limpar e cortar as unhas. Sujieira sob as unhas torna-se perigoso quando a pessoa se coça.

III

Lava as mãos quando te levantas e antes de todas as refeições.

XII

Não sejas o primeiro a se servir de um prato.

XIII

Não reponhas em seu prato o que esteve em tua boca.

No verso 141. Cf. *Stans puer in mensam*:

11. Illotis manibus escas ne sumpseris
unquam.
Nunca pegues comida com mãos que não foram lavadas.

No verso 157. Cf. *Quisquis es in mensa*:

9. Non tangas aures nudis digitis
neque naribus.
Não toques as orelhas ou as narinas
com os dedos nus.

Esta pequena seleção de trechos foi compilada após um curto exame de vários guias de comportamento à mesa e na corte. Está longe de ser exaustiva. A intenção é apenas a de dar ao leitor uma idéia de como eram semelhantes em tom e substância essas regras em diferentes tradições e diferentes países da Idade Média.

XIV

Não ofereças a ninguém um pedaço que já mordeste.

XV

Não mastiques nada que vais ter que cuspir novamente.

XVII

É má educação salgar comida no saleiro.

XXIV

A mesa, mantém-te tranqüilo, calado e cortês.

XXVI

Se partiste pão dentro de seu copo de vinho, bebe o vinho ou joga-o fora.

XXXI

Não te empanzines ou serás obrigado a cometer uma quebra de boas maneiras

XXXIV

Não te coces à mesa com as mãos ou com a toalha.

C

1530

De De civilitate morum puerilium (Da civilidade em meninos), de Erasmo de Rotterdam, Cap. 4:

Se um guardanapo é fornecido, ponha-o sobre o ombro esquerdo ou no braço.

Se está sentado com pessoas de categoria, tire o chapéu e cuide para que o cabelo esteja bem penteado.

Seu cálice e faca, devidamente limpos, devem ficar à direita, o pão à esquerda.

Algumas pessoas levam as mãos ao prato de servir logo que se sentam. Lobos fazem isso....

Não seja o primeiro a tocar o prato que foi trazido, não só porque isto demonstra gula, mas também porque é perigoso. Isto porque alguém que põe, sem saber, alguma coisa quente na boca tem ou de cuspi-la ou, se a engolir, vai queimar a garganta. Em ambos os casos, ele se torna tão ridículo como digno de pena.

É uma boa coisa esperar um pouco antes de comer, de modo a que o menino se acostume a controlar suas inclinações.

É grosseiro enfiar os dedos no molho. Deve tirar o que quer com faca e garfo. Não deve procurar em todo o prato a melhor parte como fazem os epicuristas, mas pegue o que por acaso estiver à sua frente.

Se lhe oferecem alguma coisa líquida, prove-a e devolva a colher, mas, antes, seque-a em seu guardanapo.

É feito lambendo dedos gordurosos ou secá-los no casaco. Melhor é usar a toalha da mesa ou o guardanapo.

D

1558

De *Galateo*, de Giovanni della Casa, arcebispo de Benevento, citação extraída da edição em cinco idiomas (Genebra, 1609), p. 68:

O que você pensa que este Bispo e sua nobre corte (*il Vescope e la sua nobilitè brigata*) teriam dito daqueles que vemos, às vezes, caídos como porcos com seus focinhos na sopa, sem erguer a cabeça e virar os olhos, e ainda menos as mãos, da comida, resfolegando com as bochechas como se estivessem soprando uma trompa ou abanando um fogo, não comendo mas se empanzinando, sujando os braços até quase os cotovelos e depois reduzindo seus guardanapos a um estado que faria um trapo de cozinha parecer limpo?

Não obstante, esses porcos não têm vergonha de usar os guardanapos assim emporcalhados para enxugar o suor (o qual, devido à maneira voraz e excessiva como comem, freqüentemente lhes escorre da testa e rosto para o pescoço), e mesmo assoar neles o nariz, como fazem muitas vezes.

E

1560

De uma *Civiltà*, de C. Calviac⁵⁰ (copiado quase servilmente de Erasmo, mas com alguns comentários independentes):

Quando a criança se senta, se houver um guardanapo no prato à sua frente, pegá-lo e o colocará no braço esquerdo ou no ombro. Em seguida, colocará o pão à esquerda e a faca à direita, juntamente com o copo, se desejar deixá-lo na mesa e se isto puder ser feito convenientemente sem incomodar ninguém. Porque pode acontecer que o copo não possa ser deixado à esquerda ou à direita na mesa sem atrapalhar alguém.

A criança precisa ter discernimento para compreender as necessidades da situação em que se encontra.

Ao comer... deve pegar a primeira porção ao alcance da mão na tábua de cortar.

Se houver molhos, deve mergulhar decorosamente neles o pedaço, sem virá-lo depois de molhá-lo, um lado...

É de grande necessidade que a criança aprenda desde cedo a trincar uma perna de carneiro, uma perdiz, um coelho, e coisas assim.

É grosseiro demais para uma criança oferecer a alguém algum osso que já roeu, ou algo que não queira comer, a menos que o dê a seu serviçal. (grifo do autor.)

Tampouco é decoroso que tire da boca alguma coisa que já mastigou e a coloque na tábua de cortar, a menos que seja um pequeno osso do qual já sugou o tutano para passar o tempo, enquanto esperava a sobremesa. Após sugá-lo, deve é colocá-lo no seu prato, onde deve pôr também os caroços de cereja, ameixas e frutas assim, uma vez que não fica bem engoli-los ou cuspi-los no chão.

A criança não deve roer indecorosamente ossos, como fazem os cães.

Quando quiser servir-se de sal, deve pegá-lo com a ponta da faca e não com três dedos.

A criança deve cortar a carne em pedaços bem pequenos em sua tábua de cortar... e não deve levar a carne à boca ora com uma mão ora com outra, como pequenas crianças que estão aprendendo a comer, mas fazê-lo sempre com a mão direita, pegando o pão e a carne decentemente com apenas três dedos.

Quanto à maneira de mastigar, ela varia conforme o país. Os alemães mastigam com a boca fechada e acham feio proceder de outra forma. Os franceses, por outro lado, deixam a boca meio aberta e acham o jeito dos alemães muito sujo. Os italianos agem de maneira muito indolente e, os franceses, mais ruidosamente, achando a maneira italiana delicada e pretensiosa demais.

E assim cada nação apresenta alguma coisa própria, diferente das demais. A criança, em vista disso, deve proceder de acordo com os costumes do lugar onde está.

Além disso, os alemães usam colheres quando tomam sopa, ou tudo o que é líquido, e os italianos, garfos. Os franceses usam um ou outro, conforme lhes parece apropriado e mais conveniente. Os italianos preferem em geral que haja uma faca para cada pessoa. Os alemães, porém, atribuem uma importância especial a isto, a ponto de ficarem muito aborrecidos se alguém pede ou usa uma faca na frente deles. O sistema francês é inteiramente diferente: a mesa inteira, cheia de pessoas, usa apenas duas ou três facas, sem criar caso quando alguém pede ou usa uma faca própria, ou a cede a outrem, se a possui. De modo que se alguém pedir-lhe a faca, a criança deve passá-la, depois de limpá-la no seu guardanapo, segurando-a pela ponta e oferecendo o cabo à pessoa que a pede, porque de outra maneira não seria delicado.

F

Entre 1640 e 1680

De uma canção de autoria do marquês de Coulanges: 51

No passado, as pessoas comiam em um prato comum e enfiavam o pão e os dedos no molho.

Hoje todos comem com colher e garfo em seu próprio prato e um criado lava de vez em quando os talheres no *buffet*.

G

1672

De *Nouveau traité de civilité*, de Antoine de Courtin, pp. 127, 273:

Se todos estão se servindo do mesmo prato, evite pôr nele a mão antes que o tenham feito as pessoas de mais alta categoria, e trate de tirar o alimento apenas da parte do prato que está à sua frente. Ainda menos deve pegar as colheres porções, mesmo que aconteça você ser o último a se servir.

Cabe observar ainda que você sempre deve limpar a colher quando, depois de usá-la, quiser tirar alguma coisa de outro prato, *havendo pessoas tão delicadas que não querem tomar a sopa na qual mergulhou a colher depois de a ter levado à boca* [Grifo do autor.]

E ainda mais, se estás à mesa de pessoas refinadas, não é suficiente enxugar a colher. Não debes usá-la mais, e sim pedir outra. Além disso, em muitos lugares, colheres são trazidas com os pratos, e estas servem apenas para tirar a sopa e os molhos. [Grifo do autor.]

Você não deve tomar a sopa na sopeira, mas colocá-la no seu prato fundo. Se ela estiver quente demais, é indelicado soprar cada colherada. Deve esperar até que esfrie.

Se tiver a infelicidade de queimar a boca, deve suportar isto pacientemente, se puder, sem demonstrar, mas se a queimadura for insuportável, como às vezes acontece, deve, antes que os outros notem, pegar seu prato imediatamente com a mão e levá-lo à boca e, enquanto cobre a boca com a outra mão, devolver ao prato o que tem na boca e rapidamente passá-lo ao lacaio atrás de sua cadeira. A civilidade requer que você seja polido, mas não espera que cometa suicídio. É muito indelicado tocar qualquer coisa gordurosa, molho ou xarope, etc., com os dedos, à parte o fato de que o obriga a cometer mais dois ou três atos indelicados. Um deles seria freqüentemente limpar a mão no guardanapo e sujá-lo como se fosse um trapo de cozinha, de modo que as pessoas que o vissem enxugar a boca com eles se sentissem nauseadas. Outro seria limpar os dedos no pão, o que mais uma vez é sumamente grosseiro. O terceiro seria lambê-los, o que constitui o auge da indecência.

... Como há muitos [costumes] que já mudaram, não duvido que vários destes mudarão também no futuro.

Antigamente a pessoa podia... molhar o pão no molho, contanto apenas que não o tivesse mordido ainda. Hoje isto seria uma mostra de rusticidade.

Antigamente, a pessoa podia tirar da boca o que não podia comer e jogá-lo no chão, contanto que o fizesse habilmente. Hoje isto seria sumamente repugnante...

H

1717

De la science du monde et des connoissances utiles à la conduite de la vie, pp. 97, 101:

Na Alemanha e nos Reinos do Norte, é cortês e decente o príncipe beber primeiro à saúde daqueles que recebe e, em seguida, oferecer-lhes o mesmo copo ou cálice, geralmente cheio do mesmo vinho. Nem é falta de polidez entre eles beber no mesmo copo, mas sinal de lhaneza e amizade. A mulher também bebe inicialmente e, em seguida, passa seu copo, ou manda que seja levado à pessoa a quem quer homenagear, com o mesmo vinho que bebeu à sua saúde, *sem que isto seja considerado como um favor especial, como é entre nós...* [Grifo do autor.]

"Não posso aprovar", responde uma senhora — sem ofensa para os cavalheiros do norte —, esta maneira de beber no mesmo copo e ainda menos beber o que as senhoras deixaram. Isto reveste-se de um ar de impropriedade que me faz desejar que demonstrassem outros sinais de sua lhaneza.

b) Exemplos de livros que, como o *Les Règles de la bienséance et de la civilité chrétienne*, de La Salle, representam a disseminação de maneiras e modelos cortesãos por estratos mais amplos da burguesia ou, como o Exemplo 1, refletem, com grande fidelidade, apenas o padrão burguês e provavelmente provinciano dos seus tempos.

No Exemplo 1, que data mais ou menos de 1714, pessoas ainda se servem de um prato comum. Nada se diz sobre pegar a carne que se tem no próprio prato com as mãos. E as "maneiras grosseiras" mencionadas desaparecem quase inteiramente da classe alta.

A *Civilité*, de 1780 (Exemplo L), é um pequeno livro de 48 páginas impresso em Caen em péssimos tipos *civilité*, mas sem data. O catálogo do Museu Britânico * menciona-o com um ponto de interrogação no lugar da data. De qualquer modo, é um exemplo do grande número de livros ou panfletos baratos sobre *civilité* que se espalharam por toda França no século XVIII. Este, a julgar pelo tom geral, dirigia-se claramente a moradores de pequenas cidades das províncias. Em nenhuma outra obra do século XVIII sobre *civilité* citada aqui as funções corporais são discutidas com maior franqueza. O padrão que o livro propõe lembra em muitos aspectos o que o *De civilitate* de Erasmo atribuiu à classe alta. Constitui ainda coisa natural pegar a comida com as mãos. Este exemplo pareceu-nos útil aqui para complementar outras transcrições e, sobretudo, para lembrar ao leitor que o movimento deve ser estudado em toda a sua polifonia de muitas camadas, não como uma linha, mas como uma espécie de fuga, com uma sucessão de movimentos-*motifs* semelhantes, em níveis diferentes.

O Exemplo M, de 1786, mostra com grande clareza a disseminação dos costumes, de cima para baixo. É muito característico porque contém grande número de costumes que foram subsequentemente adotados "pela sociedade civilizada" como um todo, mas são aqui meridianamente visíveis como costumes específicos da classe alta de corte, que parecem ainda relativamente estranhos à burguesia. Muitos costumes permaneceram, como "civilizados", exatamente na forma que se apresentam nesse trabalho como maneiras cortesãs.

A citação de 1859 (Exemplo N) destina-se a lembrar ao leitor que no século XIX, como hoje, todo o movimento já fora inteiramente esquecido, que o padrão de "civilização", que na realidade fora adotado apenas em data bem recente, era aceito como natural, sendo o que o precedera considerado como "bárbaro".

I

1714

De uma anônima *Civilité française* (Liège, 1714?), p. 48:

Não é... educado beber a sopa do prato, a menos que você esteja no seio de sua própria família e apenas, nesta ocasião, se tomou a maior parte com a colher.

* Hoje se trata da British Library, que deixou de ser a biblioteca do Museu Britânico para se tornar instituição autônoma. (RJR)

Se a sopa vem numa sopeira comum, na sua vez pegue um pouco, sem precipitação.

Não conserve sempre a faca na mão, como fazem camponeses, mas pegue-a apenas quando dela precisar.

Quando estiver sendo servido de carne, não é elegante pegá-la com a mão. Deve pegar o prato com a mão esquerda, enquanto segura o garfo ou a faca com a direita.

É contra o decoro dar a carne a pessoas para que a cheirem e não deve, em hipótese alguma, devolver a carne ao prato comum se a cheirou. Se tira carne do prato comum, não escolha as melhores porções. Corte com a faca, mantendo imóvel a carne no prato com o garfo, que usará para pôr em seu prato o pedaço que cortou. Não toque, por conseguinte, na carne com a mão [nada é dito aqui a respeito de tocar com ela a carne que já está no próprio prato].

Não jogue no chão ossos, cascas de ovos ou casca de qualquer fruta.

O mesmo se aplica a caroços de frutas. É mais educado tirá-los da boca com dois dedos do que cuspi-los na mão.

J

1729

De Les Règles de la bienséance et de la civilité chrétienne, de La Salle (Rouen, 1729), p. 87:

De Coisas a Severem Usadas à Mesa

A mesa você deve usar guardanapo, prato, faca, colher, e garfo. Seria inteiramente contrário ao bom tom dispensar um desses utensílios à refeição.

Cabe à pessoa de mais alta posição no grupo desdobrar primeiro seu guardanapo e os demais devem esperar até que ele o faça, antes de abrirem os seus. Quando as pessoas são aproximadamente iguais, todas devem desdobrá-los juntas sem cerimônia. [N.B. Com a "democratização" da sociedade e da família isto se tornou a regra. A estrutura social, neste caso ainda do tipo hierárquico-aristocrático, reflete-se na mais elementar das relações humanas.]

É errado usar o guardanapo para enxugar o rosto, e mais ainda limpar os dentes com ele, e seria uma das mais graves infrações da civilidade usá-lo para se assoar... O emprego que pode e deve dar ao guardanapo é o de enxugar a boca, lábios, e dedos quando estiverem engordurados, limpar a faca antes de cortar o pão e fazer o mesmo com a colher e o garfo depois de usá-los. [N.B. Este é um dos muitos exemplos do extraordinário controle do comportamento concretizados em nossos hábitos à mesa. O emprego de cada utensílio é limitado e definido por grande número de regras bem precisas. Nenhuma delas é evidente por si mesma, como pareceram a gerações posteriores. Seu uso foi desenvolvido aos poucos em conjunto com a estrutura e mudanças nas relações humanas.]

Quando os dedos estão engordurados, limpe-os primeiro com um pedaço de pão, que deve ser deixado em seguida no prato, antes de limpá-los com o guardanapo, a fim de não sujá-lo muito.

Quando a colher, o garfo ou a faca estão sujos ou engordurados, é muito errado lambê-los e não é educado limpá-los, ou qualquer outra coisa, na toalha

da mesa. Nestas e em ocasiões semelhantes, use o guardanapo e, no tocante à toalha, deve ter o cuidado de mantê-la sempre limpa e nela não derramar água, vinho ou qualquer coisa que possa manchá-la.

Quando o prato está sujo, de maneira alguma raspe-o com a colher ou a faca para limpá-lo nem limpe-o, ou o fundo de qualquer outro prato, com os dedos; isto é muito grosseiro. Ou não deve tocá-los ou, se tiver oportunidade de trocá-los, deve pedir outro.

A mesa, não conserve o tempo todo a faca à mão. Basta pegá-la quando dela precisar.

É também muito grosseiro pôr um pedaço de pão na boca enquanto segura a faca com a mão e o corta. É ainda mais fazer isso com a ponta da faca. O mesmo procedimento deve ser observado quando se comem maçãs, pêras e algumas outras frutas. [N.B. Exemplos de tabus relativos a facas.]

É contra o bom tom segurar a faca ou a colher com toda mão, como se fosse um porrete; segure-as sempre com os dedos.

Não use o garfo para levar líquidos à boca... a colher é o utensílio indicado para esse fim.

É sempre educado usar o garfo para levar carne à boca, pois o bom tom não permite que se toque com os dedos qualquer coisa gordurosa [grifo do autor] nem também molhos ou xaropes. Se alguém faz isso, não pode deixar de cometer depois várias incivildades, tais como limpar freqüentemente os dedos no guardanapo, o que o tornaria muito sujo, ou no pão, o que seria muito indelicado, ou ainda lamber os dedos, o que não é permitido a pessoas refinadas, bem-nascidas.

Toda esta passagem, como várias outras, foi extraída do *Nouveau traité*, de A. de Courtin, 1672, Cf. Exemplo G, acima. Ela reaparece também em outras obras do século XVIII sobre a civilidade. A razão dada para a proibição de comer com os dedos é muito instrutiva. Em Courtin, igualmente, ela se aplica inicialmente apenas a dedos engordurados, especialmente com molho, desde que isto provoca atos que são "desagradáveis" de observar. Em La Salle isto não é inteiramente compatível com o que ele diz em outro trecho "Se seus dedos estão engordurados...", etc. A proibição não é nem de longe tão auto-evidente como hoje. Vemos como, aos poucos, transformase em um hábito internalizado, em parte do "autocontrole".

No crítico período do fim do reinado de Luís XV — no qual, conforme mostramos antes, o anseio de reforma é intensificado como sinal externo das mudanças sociais, e o conceito de "civilização" galga o primeiro plano — a *Civilité* de La Salle, que passara antes por várias edições, praticamente sem alteração, é revisado. As mudanças no padrão são muito instrutivas (Exemplo K, abaixo). Em alguns aspectos são muito extensas. A diferença já se constata no que não mais precisa ser dito. Muitos capítulos tornam-se menos. Muitas "más maneiras" antes discutidas em detalhe merecem apenas uma referência de passagem. O mesmo se aplica a numerosas funções corporais anteriormente comentadas em grande extensão e minúcia. O tom é em geral menos suave e, não raro, muito mais duro do que na primeira versão.

K

1774

De *Les Règles de la bienséance et de la civilité chrétienne*, de La Salle (ed. de 1774), p. 45 e segs.:

O guardanapo que é posto sobre o prato, tendo a finalidade de preservar a roupa de manchas e outras sujeiras inseparáveis de refeições, deve ser colocado sobre a pessoa de modo que cubra a parte fronteira do corpo até os joelhos, passando sob a gola mas não por dentro dela. A colher, garfo e faca devem sempre ser colocados à direita.

A colher destina-se à ingestão de líquidos e o garfo para pegar carnes sólidas.

Quando um ou outro estiverem sujos, podem ser limpos com o guardanapo, se outro serviço não puder ser obtido. Deve-se evitar limpá-los com a toalha da mesa, o que constitui uma impropriedade imperdoável.

Quando o prato estiver sujo, deve-se pedir outro. Seria revoltantemente grosseiro limpar a colher, o garfo ou a faca com os dedos.

Em boas mesas, serviçais atentos mudam os pratos sem que seja preciso pedir isso.

Nada é mais impróprio do que lambear os dedos, tocar na carne e levá-los à boca com a mão, mexer o molho com os dedos ou então enfiar nele o pão com o garfo e depois chupá-lo.

Nunca se deve pegar sal com os dedos. É muito comum que crianças empilhem uma porção em cima de outra e mesmo que tirem da boca alguma coisa que mastigaram e joguem fora pedaços com os dedos. [Tudo isto antes foi mencionado como exemplos de mau comportamento, mas agora é apontado apenas como "más" maneiras de crianças. Adultos não fazem mais essas coisas.] Nada é mais grosseiro do que levar carne ao nariz para cheirá-la; pedir que outros a cheirem constitui mais uma grosseria com o dono da mesa; se encontrar sujeira na comida, deve livrar-se da comida sem dar demonstração.

L

1780?

De um trabalho anônimo, *La Civilité honete [sic] pour les enfants* (Caen, sem data), p. 35:

Em seguida, ele colocará o guardanapo sobre o corpo, o pão à esquerda e a faca à direita, a fim de cortar a carne sem despedaçá-la. [A seqüência aqui descrita é encontrada em numerosos documentos. O procedimento mais elementar, antes habitual também na classe alta, consiste em partir o pão com as mãos. Aqui se descreve o estágio seguinte, em que a carne é partida com a faca. O emprego do garfo não é mencionado. Arrancar pedaços da carne é considerado hábito rústico e cortá-la, evidentemente, maneira urbana.] Ele também tomará cuidado para não pôr a faca na boca. Não deve deixar as mãos em cima do prato... nem pôr os cotovelos sobre ele, porque isto só é feito pelos velhos e pelos doentes.

A criança bem educada será a última a se servir, se estiver na companhia de seus superiores.

... em seguida, se for carne, cortá-la-á com elegância e a comerá com o pão.

É um hábito rústico e grosseiro tirar carne mastigada da boca e colocá-la no prato. Nem deve repor na travessa alguma coisa que dela tirou.

M

1786

De uma conversa sobre o poeta Delille e o abade Cosson: 52

Há pouco tempo, o abade Cosson, professor de Belas Letras do Collège Mazarin, falou-me a respeito de um jantar a que comparecera alguns dias antes com algumas pessoas da corte em Versalhes.

"Aposto", disse eu a ele, "que você cometeu uma centena de gafes".

"O que é que você quer dizer com isso?", respondeu imediatamente o abade Cosson, muito perturbado. "Acho que fiz tudo da mesma maneira que todo mundo."

"Que presunção! Aposto que não fez nada da mesma maneira que todo mundo. Mas vou me limitar ao jantar. Em primeiro lugar, o que fez com o guardanapo quando se sentou?"

"Com o guardanapo? Fiz o que todo mundo fez. Abri-o, desdobrei-o e preendi-o por um canto na casa de um botão."

"Bem, meu querido amigo, você foi o único que fez isso. A gente não abre todo o guardanapo, coloca-o sobre os joelhos. E como foi que tomou a sopa?"

"Como todo mundo, acho. Peguei a colher com uma mão e o garfo com a outra..."

"O garfo? Deus do céu! Ninguém usa garfo para tomar sopa... Mas diga como foi que comeu o pão."

"Certamente, igual a todo mundo. Cortei-o bem certinho com a faca."

"Oh, Deus do céu, a gente parte o pão com a mão, não com a faca... Vamos continuar. O café... como foi que o tomou?"

"Como todo mundo, para dizer a verdade. Estava fervendo, de modo que derramei-o, um pouquinho de cada vez no pires."

"Bem, você de maneira alguma tomou-o como todo mundo. Todos bebem o café da xícara, nunca do pires..."

N

1859

De *The Habits of Good Society* (Londres, 1859, 2ª ed., *verbatim*, 1889), p. 257:

Os garfos foram indubitavelmente uma invenção posterior aos dedos, mas uma vez que não somos *canibais*, sinto-me inclinado a pensar que os garfos foram uma boa invenção.

parte II

Comentários sobre os Exemplos

Grupo I:

Um Breve Estudo das Sociedades
a que se Referem as Citações

1. As transcrições foram reunidas aqui a fim de exemplificar um processo real, uma mudança no comportamento de pessoas. De modo geral, os exemplos foram selecionados de modo a que pudessem ser típicos de pelo menos certos grupos ou estratos sociais. Nenhuma pessoa isolada, nem mesmo um indivíduo tão ilustre como Erasmo, inventou o *savoir-vivre* de seu tempo.

Ouvimos pessoas de diferentes épocas falando mais ou menos sobre o mesmo assunto. Desta maneira, as mudanças se tornaram mais claras do que se as tivéssemos descrito em nossas próprias palavras. Pelo menos do século XVI em diante, as injunções e proibições pelas quais é modelado o indivíduo (de conformidade com o padrão observado na sociedade) estão em movimento ininterrupto. Este movimento, por certo, não é perfeitamente retilíneo, mas, através de todas as suas flutuações e curvas individuais, uma tendência global clara é apesar de tudo perceptível, se estas vezes dos séculos passados são cuidadas em conjunto.

Os tratados do século XVI sobre as boas maneiras são obra da nova aristocracia de corte, que está se aglutinando aos poucos a partir de elementos de várias origens sociais. Com ela surge um diferente código de comportamento.

De Courtin, na segunda metade do século XVII, fala a partir de uma sociedade de corte que é a mais plenamente consolidada — a da corte de Luís XIV. E se dirige principalmente a pessoas de categoria, pessoas que não vivem diretamente na corte, mas que desejam conhecer bem as maneiras e costumes que nela têm curso.

Afirma ele no prefácio: "Este tratado não se destina à impressão, mas apenas a atender ao cavaleiro de província que solicitou ao autor, como amigo particular seu, que ministrasse alguns preceitos de civilidade ao seu filho, que ele tencionava enviar à corte quando completasse seus estudos... Ele (o autor) empreendeu este trabalho apenas para conhecimento de gentes bem-nascidas; *apenas a elas é dirigido*; e particularmente à juventude, que poderá encontrar alguma utilidade nestes pequenos conselhos, já que nem

todos têm a oportunidade nem dispõem de meios para virem à corte, em Paris, aprender os refinamentos da polidez.”

Pessoas que vivem ou fazem parte do círculo que dá exemplo não precisam de livros para saber como “alguém” deve se comportar. Isto é óbvio. Por isso é importante descobrir com que intenções e para que público esses preceitos são escritos e publicados — preceitos que originariamente são o segredo distintivo dos fechados círculos da aristocracia de corte.

O público visado é muito claro. Enfatiza-se que os conselhos são apenas para as *homîetes gens*, isto é, de modo geral, gente da classe alta. Em primeiro lugar, o livro atende à necessidade da nobreza provinciana de se informar sobre o comportamento na corte e, além disso, à de estrangeiros ilustres. Mas pode-se supor que o sucesso apreciável deste livro resultou, entre outras coisas, do interesse despertado nos principais estratos burgueses. Há muito material que demonstra como, nesse período, os costumes, comportamento e modas da corte espraíavam-se ininterruptamente pelas classes médias altas, onde eram imitados e mais ou menos alterados de acordo com as diferentes situações sociais. Perdem assim, dessa maneira e até certo ponto, seu caráter como meio de identificação da classe alta. São, de certa forma, desvalorizados. Este fato obriga os que estão acima a se esmerarem em mais refinamentos e aprimoramento da conduta. E é desse mecanismo — o desenvolvimento de costumes de corte, sua difusão para baixo, sua leve deformação social, sua desvalorização como sinais de distinção — que o movimento constante nos padrões de comportamento na classe alta recebe em parte sua motivação. O importante é que nessa mudança, nas invenções e modas do comportamento na corte, que à primeira vista talvez pareçam caóticas e acidentais, com o passar do tempo emergem certas direções ou linhas de desenvolvimento. Elas incluem, por exemplo, o que pode ser descrito como o avanço do patamar do embaraço e da vergonha sob a forma de “refinamento” ou como “civilização”. Um dinamismo social específico desencadeia outro de natureza psicológica, que manifesta suas próprias lealdades.

2. No século XVIII, aumenta a riqueza e com ela progredem as classes médias. O círculo de corte inclui nesse momento, ao lado de elementos aristocráticos, um maior número de burgueses do que no século precedente, mas sem que jamais desapareçam as diferenças em categoria social. Pouco antes da Revolução Francesa, intensificou-se ainda mais a tendência da aristocracia socialmente em declínio a fechar-se.

Não obstante, essa sociedade de corte ampliada, na qual se misturavam elementos aristocráticos e burgueses, e onde não havia barreiras claras vedando a ascensão, deve ser considerada como um todo. Compreende ela a elite hierarquicamente estruturada do país. A compulsão para nela penetrar ou pelo menos, imitá-la aumenta sem cessar com a crescente interdependência e prosperidade de estratos mais ponderáveis. Os círculos clericais.

acima de todos, tornam-se os divulgadores dos costumes de corte. O controle das emoções e a formação disciplinada do comportamento como um todo, que sob o nome de cidade se desenvolveram na classe alta como fenômeno apenas secular e social, como consequência de certas formas de vida social, apresentam afinidades com tendências particulares no comportamento eclesiástico tradicional. A civilidade ganha um novo alicerce religioso e cristão. A Igreja revela-se como tantas vezes ocorreu, um dos mais importantes órgãos da difusão de estilos de comportamento pelos estratos mais baixos.

"É surpreendente", diz o venerável padre La Salle no início do prefácio a suas regras de civilidade cristã, "que a maioria dos cristãos considere o decoro e a civilidade como uma *qualidade puramente humana* e mundana e, não pensando em elevar mais ainda sua mente, não a considere uma virtude relacionada a Deus, ao próximo, a nós mesmos. Isto mostra bem quanto pouco cristianismo existe no mundo".* E como boa parte da educação na França se encontrava nas mãos de organismos eclesiásticos, foi acima de tudo, ainda que não exclusivamente, através da mediação da Igreja que uma maré montante de civilidade inundou o país. Usados como manuais na educação elementar de crianças, esses livretos eram impressos e distribuídos juntamente com as primeiras lições de leitura e escrita.

Exatamente por esse motivo, o conceito de civilidade perde cada vez mais valor para a elite social. Ele começa a passar por um processo semelhante ao que atingiu antes o conceito de cortesia.

Dissertação sobre a Ascensão e Queda dos Conceitos de Courtoisie e Civilité

3. Cortesia referia-se inicialmente às formas de comportamento que se desenvolveram nas cortes dos grandes senhores feudais. Ainda durante a Idade Média, porém, o significado da palavra perdeu muito de sua limitação original social à "corte", entrando também em uso nos círculos burgueses. Com a lenta extinção da nobreza guerreira baseada no cavaleiro e no senhor feudal e a formação de uma nova aristocracia de monarcas absolutos no curso dos séculos XVI e XVII, o conceito de civilidade elevou-se lentamente à categoria de comportamento social aceitável. A cortesia e a civilidade conviveram lado a lado durante o período da sociedade de transição na França do século XVI, que era um misto de sociedade cavaleirosa-feudal e de monarquia absoluta. No século XVII, porém, o conceito de cortesia saiu, gradualmente, de moda na França.

* *No mundo*, isto é, na alta sociedade. (RJR)

"As palavras *courtois* e *courtoisie*", diz um autor francês em 1675,⁵³ "começam a envelhecer e não constituem mais bom uso. Dizemos hoje *civil*, *honesté*; *civilité*, *honesteté*."

De fato, a palavra *courtoisie* parece nesse momento ser um conceito burguês. "Meu vizinho, o burguês... diz, de acordo com a linguagem dos burgueses de Paris, 'afável' e 'cortês' (*courtois*)... Ele não se expressa elegantemente porque as palavras 'cortês' e 'afável' raramente são usadas entre pessoas do mundo, e as palavras 'civil' e 'decência' (*honnête*), substituíram-nas, da mesma maneira que 'civildade' e 'decência' tomaram o lugar de 'cortesia' e 'afabilidade'". Isto é o que temos em uma conversa sob o título *Du bon et du mauvais usage dans les manières de s'exprimer. Des façons de parler bourgeoise*, de autoria de F. de Callières (1694, pp. 110 e segs.).

De maneira muito parecida, no século XVIII, o conceito de civildade perdeu aos poucos a primazia na alta sociedade de corte. Esta classe sofre um processo muito lento de transformação, de aburguesamento, que, pelo menos até 1750, é sempre combinado com o processo inverso de assimilação pela corte de elementos burgueses. Algo do problema resultante é percebido, por exemplo, quando, em 1745, o abade Gédoyne no ensaio intitulado "De l'urbanité romaine" (*Oeuvres diverses*, p. 173), discute a questão do motivo por que, na sua própria sociedade, a palavra *urbanité*, embora se refira a algo muito fino, nunca teve o mesmo curso que *civilité*, *humanité*, *politesse*, ou *galanterie*, e responde: "Urbanitas significava aquela polidez de língua, mente e maneiras ligadas singularmente à cidade de Roma, que era chamada *par excellence* a *Urbs*, a cidade, ao passo que, entre nós, onde esta polidez não é privilégio de qualquer cidade em particular, nem mesmo da capital, mas apenas da corte, o termo *urbanidade* torna-se um termo... que podemos dispensar."

Se nos damos conta que "cidade" nessa época referia-se mais ou menos à "boa sociedade burguesa", em contraste com a sociedade mais limitada da corte, percebemos a importância para a época da questão aqui colocada.

Na maior parte dos textos desse período, o uso de *civilité* diminui, como aqui, em comparação com *politesse*, e a identificação de todo esse complexo de idéias com a *humanité* emerge com mais nitidez.

Já em 1733, Voltaire, na dedicatória de seu *Zaïre* a um burguês, A. M. Faulkner, comerciante inglês, manifestou com grande clareza essas tendências: "Desde a regência de Ana d'Austria, os franceses têm sido o povo mais sociável e mais polido do mundo... e esta polidez não é em absoluto uma questão arbitrária, tal como essa que é chamada de civildade, mas uma lei da natureza que eles felizmente cultivaram mais do que os outros povos."

Tal como o conceito de cortesia antes, o de civildade começa lentamente a afundar. Pouco depois, o conteúdo deste e de termos correlatos é absorvido e ampliado em um novo conceito, na expressão de uma nova forma de autoconsciência, o conceito de *civilisation*. Cortesia, civildade e

civilização assinalam três estágios de desenvolvimento social. Indicam qual sociedade fala e é interpelada. Não obstante, a mudança concreta no comportamento das classes altas, a expansão de modelos de comportamento que, daí em diante, serão chamados de "civilizados" ocorrem — pelo menos na medida em que são visíveis nas áreas aqui discutidas — na fase intermediária. O conceito de civilização indica com clareza, em seu uso no século XIX, que o processo de civilização — ou, em termos mais rigorosos, uma fase desse processo — fora completado e esquecido. As pessoas que rem apenas que esse processo se realize em outras nações, e também, durante um período, nas classes mais baixas de sua própria sociedade. Para as classes alta e inédia da sociedade, civilização parece firmemente enraizada. Querem, acima de tudo, difundí-la e, no máximo, ampliá-la dentro do padrão já conhecido.

Os exemplos citados mostram claramente o movimento rumo a esse padrão nas fases que precederam as cortes do absolutismo.

Panorama da Curva Evolutiva da "Civilização" dos Hábitos à Mesa

4. Ao fim do século XVIII, pouco antes da revolução, a classe alta francesa adotou mais ou menos o padrão à mesa, e certamente não só este, que aos poucos seria considerado como natural por toda a sociedade civilizada. O Exemplo M, datado de 1786, é muito instrutivo neste particular: mostra como costume ainda indisputavelmente de corte o mesmo modo de usar o guardanapo que, em breve, se tornaria costumeiro em toda a sociedade burguesa civilizada. Indica que o garfo não era mais usado para se tomar a sopa, a necessidade do qual, para sermos exatos, só é compreendida se lembramos que a sopa frequentemente continha, e ainda contém na França, mais conteúdo sólido do que agora, em outros países. E ainda o requisito de não cortar com faca mas romper com as mãos o pão à mesa, um costume que depois foi democratizado. O mesmo se aplica à maneira como se bebe o café.

Estes são apenas alguns exemplos de como se formou nosso ritual diário. Se esta série fosse continuada até o presente, outras mudanças de detalhe seriam notadas: novos imperativos são acrescentados, relaxam-se outros antigos, emerge uma riqueza de variações nacionais e sociais, e se constata a infiltração na classe média, na classe operária e no campesinato do ritual uniforme da civilização. A regulação dos impulsos que sua aquisição requer varia muito em força. Mas a base essencial do que é obrigatório e do que é proibido na sociedade civilizada — o padrão da técnica de comer, a maneira de usar faca, garfo, colher, prato individual, guardanapo e outros utensílios — estes permanecem inmutáveis em seus aspectos essenciais. Até mesmo o surgimento da tecnologia em todas as áreas — inclusive na da cozinha —,

com a introdução de novas formas de energia, deixou virtualmente inalteradas as técnicas à mesa e outras formas de comportamento. Só com uma verificação muito minuciosa é que observamos os traços de uma tendência que continua a desenvolver-se.

O que muda ainda, acima de tudo, é a tecnologia da produção. Já a tecnologia do consumo foi desenvolvida por formações sociais que eram, em um grau nunca igualado antes, classes de consumo. Com seu declínio social, o rápido e intenso refinamento das técnicas de consumo cessa, estas passam ao que se torna então a esfera privada da vida (em contraste com a ocupacional). Conseqüentemente, o ritmo de movimento e mudança nessas esferas, que havia sido relativamente rápido durante o estágio das cortes absolutas, reduz-se mais uma vez.

Até mesmo as formas dos utensílios da mesa — pratos, travessas, faca, garfos e colheres — daí em diante nada mais fazem do que variar temas do século XVIII e precedentes. Por certo há ainda muitas mudanças em detalhes. Um exemplo é a diferenciação dos utensílios. Em muitas ocasiões, não só os pratos são trocados depois de cada tipo de comida, mas também os utensílios. Já não basta comer apenas com a faca, garfo e colher, em vez de se usarem as mãos. Cada vez mais na classe alta, um implemento especial é usado para cada tipo de comida. Colheres de sopa, facas de peixe e facas de carne são postas em um dos lados do prato. Garfos para *hors d'oeuvre*, ou a faca — segundo o costume do país — para os doces. E para as sobremesas e frutas outros implementos são trazidos. Todos esses utensílios têm forma e funções diferentes. São ora maiores, ora menores, quando não mais redondos ou mais pontudos. Mas, examinando-se bem, nota-se que na realidade não representam nada de novo. Eles, também, são variações do mesmo tema, diferenciações dentro do mesmo padrão. E só em alguns pontos — acima de tudo, no uso da faca — começam a aparecer inovações lentas que transcendem o padrão já adotado. Mais tarde teremos algo a dizer sobre isto.

5. Em certo sentido, algo análogo aplica-se ao período que terminou no século XV. Até essa data — por razões muito diferentes — a técnica padrão à mesa, o conjunto básico do que era socialmente proibido e permitido, como o comportamento das pessoas entre si e consigo mesmas (das quais essas proibições e injunções eram expressão), permanece relativamente constante em seus aspectos básicos, mesmo que aqui, também, as modas, variações regionais e sociais, flutuações, e um lento movimento em uma direção dada não estivessem inteiramente ausentes.

Nem podem as transições de uma fase para outra serem determinadas com absoluta exatidão. O movimento mais rápido começa tardiamente aqui, mais cedo acolá e, em toda parte, deparamos com pequenas alterações pre-paratórias. Não obstante, a forma geral da curva é por toda a parte mais ou menos a mesma: em primeiro lugar, a fase medieval, com certo clímax no

florescimento da sociedade feudal e cortês, assinalada pelo hábito de comer com as mãos. Em seguida, uma fase de movimento e mudança relativamente rápidos, abrangendo aproximadamente os séculos XVI, XVII e XVIII, na qual a compulsão para uma conduta refinada à mesa pressiona constantemente na mesma direção, na de um novo padrão de maneiras à mesa.

Daí em diante, observamos uma fase que permanece dentro do padrão já atingido, embora com um movimento muito lento sempre numa certa direção. O refinamento da conduta diária nunca perde de todo, nem mesmo neste período, sua importância como instrumento de diferenciação social. Mas, desde essa fase, não desempenha o mesmo papel que na fase precedente. Mais do que antes, o dinheiro torna-se a base das disparidades sociais. E o que as pessoas concretamente realizam e produzem torna-se mais importante que suas maneiras.

6. Tomados em conjunto, os exemplos mostram com grande clareza como se desenvolveu esse movimento. As proibições da sociedade medieval, mesmo nas cortes feudais, ainda não impõem quaisquer grandes restrições ao jogo de emoções. Comparado com eras posteriores, o controle social é suave. As maneiras, em relação às antigas, são relaxadas em todos os sentidos da palavra. A pessoa não deve fungar nem estalar os lábios enquanto come. Nem cuspir de um lado a outro da mesa nem assoar-se na toalha (pois esta é usada para limpar os dedos de gordura) ou nos dedos (os dedos que tocam a travessa de servir comum). Comer com outras pessoas no mesmo prato ou travessa é aceito como natural. O indivíduo deve apenas evitar cair sobre o prato de servir como se fosse um porco e devolver a comida mastigada à travessa comum.

Muitos desses costumes são ainda mencionados no tratado de Erasmo e em sua adaptação por Calviac. Com mais clareza do que examinando apenas uma que outra maneira da época, ao estudarmos o movimento como um todo, vemos que tendência ele segue. Os talheres ainda são em número limitado. O pão fica à esquerda, a faca e o copo à direita. Só isto. O garfo já é mencionado, embora com função limitada, como instrumento para tirar o alimento de um prato de servir comum. E, tal como o lenço, o guardanapo já aparece, ambos ainda — sinal de transição — como guarnições opcionais, e não necessárias: se tem lenço, dizem os preceitos, use-o, em vez dos dedos. Se um guardanapo é fornecido, passe-o pelo ombro esquerdo. Cento e cinquenta anos depois, o guardanapo e o lenço são mais ou menos indispensáveis à vida de corte.

É semelhante a curva seguida por outros hábitos e costumes. Inicialmente, a sopa costuma ser bebida, seja na sopeira comum seja com a concha usada por várias pessoas. Nos escritos cortesês, é prescrito o uso da colher. Ela, também, será então usada por várias pessoas. Outro passo é mostrado na citação extraída de Calviac, por volta de 1560. Diz ele que era costume alemão permitir que cada conviva usasse sua própria colher. O passo

seguinte é indicado pelo texto de Courtin, relativo ao ano de 1672. Nessa ocasião, não se toma mais a sopa na sopeira comum, mas derrama-se um pouco no próprio prato, usando-se a própria colher. Mas havia pessoas, somos informados no texto, que eram tão *delicadas* que não queriam tomar a sopa de uma sopeira em que outros haviam mergulhado uma colher já usada. Era, por conseguinte, necessário limpar a colher com o guardanapo antes de colocá-la na sopeira. E algumas pessoas queriam ainda mais. Para elas, a pessoa não devia absolutamente pôr novamente na sopeira uma colher usada. Devia, sim, pedir uma colher limpa para esse fim.

Descrições como essas demonstram não só que todo o ritual de viver juntos estava em movimento, mas também que as pessoas se conscientizavam dessa mudança.

Nesse tempo, gradualmente, o costume, ora aceito como natural, de tomar sopa está sendo estabelecido: todos têm seu próprio prato e colher e a sopa é servida com um implemento especializado. O ato de comer adquirira um novo estilo, correspondendo às novas necessidades da vida social.

Coisa alguma nas maneiras à mesa é evidente por si mesma ou produto, por assim dizer, de um sentimento "natural" de delicadeza. A colher, garfo e guardanapo não foram inventados como utensílios técnicos com finalidades óbvias e instruções claras de uso. No decorrer de séculos, na relação social e no emprego direto, suas funções foram gradualmente sendo definidas, suas formas investigadas e consolidadas. Todos os costumes no ritual em mutação, por mais insignificantes, estabeleceram-se com infinita lentidão, até mesmo formas de comportamento que nos parecem elementares ou simplesmente "razoáveis", tal como o costume de ingerir líquidos apenas com a colher. Todos os movimentos da mão — como, por exemplo, a maneira como se segura e movimenta a faca, colher e garfo — são padronizados apenas gradualmente. E só vemos o mecanismo de padronização em sua seqüência, se examinamos como um todo a série de imagens. Há um círculo na corte mais ou menos limitado que inicialmente cria os modelos apenas para atender às necessidades de sua própria situação social e em conformidade com a condição psicológica correspondente à mesma. Mas é evidente que a estrutura e o desenvolvimento da sociedade francesa como um todo fazem com que estratos cada vez mais amplos se mostrem desejosos, e mesmo sequiosos, de adotar os modelos desenvolvidos em uma classe mais alta: eles se difundem, também com grande lentidão, por toda a sociedade, e certamente não sem passarem nesse processo por algumas modificações.

A transmissão dos modelos de uma unidade social a outra, ora do centro de uma sociedade para seus postos fronteiriços (como, por exemplo, da corte parisiense para outras cortes), ora na mesma unidade político-social como, por exemplo, na França ou Saxônia, de cima para baixo ou de baixo para cima), deve ser considerado, em todo o processo civilizador, como um dos mais importantes dos movimentos individuais. O que os exemplos mostram

é apenas
à mesa,
em geral
que se
de dese
no cur
mesmo
único
poderá
mações
é um p

7

certos

C

socio

“

muito

o bur

S

e o q

mesm

neiras

no se

socie

o

visita

saúde

“e co

vezes

tico

tamb

que

afin

muit

o su

dife

Thi

é apenas um segmento limitado desses movimentos. Não apenas as maneiras à mesa, mas também formas de pensar ou falar, em suma, do comportamento em geral, são moldadas de maneira semelhante em toda a França, mesmo que se observem diferenças importantes no tempo e estrutura de seus padrões de desenvolvimento. A elaboração de um dado ritual de relações humanas no curso do desenvolvimento social e psicológico não pode ser isolada, mesmo que aqui, como primeira tentativa, tenha sido possível seguir um único segmento. Um curto exemplo do processo de "civilização" da fala poderá servir como aviso de que a observação das maneiras e suas transformações expõe apenas um segmento muito simples e de fácil acesso, do que é um processo de mudança social muito mais abrangente.

Dissertação sobre a Modelação da Fala na Corte

7. No caso da fala, também, um círculo limitado criou inicialmente certos padrões.

Como na Alemanha, embora em muito menor grau, a língua falada na sociedade da corte era diferente da falada pela burguesia.

"Vocês sabem", lemos em uma pequena obra que em seu tempo foi muito popular, *Mots à la mode*, de Callières, na edição de 1693 (p. 46), "que o burguês fala de modo muito diferente de nós."

Se examinarmos mais de perto o que é denominado de fala "burguesa" e o que é chamado de expressão da alta sociedade de corte, descobrimos o mesmo fenômeno que pode ser observado nos costumes à mesa e nas maneiras em geral: muito do que no século XVII, e até certo ponto no século XVIII, era a forma de expressão e linguagem características da sociedade de corte tornou-se gradualmente a língua nacional francesa.

O jovem M. Thibault, filho de pais burgueses, é-nos apresentado em visita a uma pequena sociedade aristocrática. A dona da casa pergunta pela saúde de seu pai. "Ele é seu humilde servidor, Madame", responde Thibault, "e continua acamado, como a senhora bem sabe, já que teve um bocado de vezes a gentileza de perguntar pelo seu estado de saúde."

A situação é clara. Existe certo contato social entre o círculo aristocrático e a família burguesa. A dona da casa mencionou antes esse fato. Diz também que o velho Thibault é um homem muito bom, não sem acrescentar que essas relações às vezes são muito úteis à aristocracia porque tais pessoas, afinal de contas, têm dinheiro.⁵⁴ Neste ponto lembramo-nos da estrutura muito diferente da sociedade alemã.

Os contatos sociais nessa época, porém, evidentemente não são íntimos o suficiente, se deixarmos de lado a *intelligensia* burguesa, para apagar as diferenças linguísticas entre as classes. Quase todas as palavras que o jovem Thibault diz são, pelos padrões da sociedade de corte, desajeitadas e canhes-

tras, com "hálito" de burguesia, como dizem os cortesãos. Na sociedade de corte ninguém diz "como bem sabe", "um bocado de vezes" ou "acamado" (*comme bien savez, souvenies fois, maladif*).

Ninguém diz, como o fez M. Thibault na conversa que se seguiu "Je vous demande excuse" (Peço que me excuse). Na sociedade de corte diz-se como hoje na sociedade burguesa, "Je vous demande pardon" (Com seu perdão).

M. Thibault continua: "Un mien ami, un mien parent, un mien cousin" (Um amigo meu, etc.), em vez do refinado "un de mes amis, un de mes parents" (p. 20). E diz "deffunct mon père, le pauvre deffunct" (defunto). E lhe explicam que essa não é uma das expressões "que a civilidade introduziu entre os bem-falantes. Não se diz que um homem virou defunto quando faleceu" (p. 22). A palavra pode ser usada, no máximo, quando se diz "temos que orar a Deus pela alma dos defuntos... mas aqueles que falam bem dizem antes: meu falecido pai, o falecido duque, etc." (*feu mon père, etc.*). E observam que "pelo pobre defunto" é "uma maneira muito burguesa de falar".

8. Neste particular, também, como aconteceu com as maneiras, ocorre uma espécie de movimento em duplo sentido: a burguesia é, por assim dizer, "acortesada" e, a aristocracia, "aburguesada". Ou, para ser mais preciso, a burguesia é influenciada pelo comportamento da corte e vice-versa. A influência de baixo para cima é certamente muito mais fraca no século XVII na França do que no século XVIII. Mas não está de todo ausente. O castelo de Vaux-le Vicomte, de propriedade do intendente burguês das finanças, Nicolas Fougeut, é anterior à régia Versalhes e de muitas maneiras lhe serviu de modelo. Este é um claro exemplo. A riqueza dos principais estratos burgueses compele os que estão acima a competir com eles. E a chegada incessante de burgueses aos círculos da corte gera também um movimento específico na fala: a nova substância humana traz também consigo uma nova substância lingüística, o "jargão" da burguesia, para os círculos aristocráticos. Elementos seus estão sendo constantemente assimilados pela linguagem da corte, refinados, polidos, transformados. São, em uma palavra, "acortejados", isto é, adaptados ao padrão de sensibilidade dos círculos de corte. Transformam-se, assim, em meios para distinguir as *gens de la cour* da burguesia e depois, talvez muito depois, penetram de novo na burguesia, assim refinados e modificados, a fim de se tornarem "especificamente burgueses".

Há, diz o duque em uma das conversas transcritas por Callières (*Du bon et du mauvais usage*, p. 98), uma maneira de falar "muito comum entre os burgueses de Paris e mesmo entre alguns cortesãos educados na burguesia. Consiste em dizer *voyons voir*, em vez de dizer *voyons* (vejamos), evitando o verbo *voir* que é inteiramente inútil e desagradável neste contexto". *

* Literalmente, *voyons voir* seria "vejamos ver". (RJR)

Mas recentemente entrou em uso, prossigue o duque, "outro feio torneio de frase, que começou entre as pessoas mais baixas e fez sua fortuna na corte, como aqueles favoritos sem mérito que nela subiam nos velhos dias. Trata-se de *il en sçait bieng*, significando que alguém é sutil e inteligente. Até as damas da corte estão começando a usá-lo".

E por aí vai. Os burgueses e mesmo alguns elementos da corte dizem "il faut que nous faisons cela", em vez de "il faut que nous fassions cela". Alguns dizem "l'on za" e "l'on zest", e não o refinado "l'on a" e "l'on est". Dizem Je le l'ai, em vez de "Je l'ai".*

Em quase todos esses casos, a forma lingüística que aqui aparece como de corte tornou-se de fato o costume nacional. Mas há também exemplos de formas lingüísticas de corte que são gradualmente abandonadas como "refinadas demais", "afetadas demais".

9. Tudo isto esclarece simultaneamente o que antes dissemos sobre as diferenças sociogenéticas entre os caracteres nacionais francês e alemão. A língua é uma das manifestações mais acessíveis do que consideramos como caráter nacional. Aqui podemos ver, com um único exemplo concreto, como esse caráter peculiar e típico é refinado em contato com certas formações sociais. A língua francesa foi decisivamente marcada pela corte e pela sociedade de corte. No tocante à língua alemã, a Câmara e Chancelaria Imperiais desempenharam durante algum tempo o mesmo papel, ainda que não exercessem nem de longe a mesma influência da corte francesa. Em data tão recente como 1643, alguém alega que sua linguagem é exemplar "porque modelada nos escritos da Câmara de Speyer".⁵⁵ Nessa ocasião, eram as universidades que haviam conquistado quase a mesma importância para a cultura e a língua alemã que a corte na França. Essas duas entidades estreita e socialmente relacionadas, a Chancelaria e a universidade, porém, influenciaram menos a fala do que a literatura. Formaram a língua escrita não através das conversas, mas do documento, das cartas, e dos livros. E quando Nietzsche observa que até mesmo as canções alemãs de beber são eruditas, ou se compara a eliminação de termos especializados pelo cortês Voltaire com o modo como os alemães os usavam, percebe com grande clareza os resultados desses diferentes fenômenos históricos.

10. Se na França as *gens de la cour* dizem "Esta frase está correta e esta incorreta", uma pergunta importante surge que merece pelo menos ser abordada de passagem: "Por que padrões ela está realmente julgando o que

* Em "il faut que nous faisons cela", está sendo usado um indicativo no lugar do subjuntivo: é preciso que *fazemos* isso, em vez de *façamos*. *Za* e *zest* são um erro que ainda hoje acontece, e é considerado bastante vulgar, o de fazer uma ligação da vogal inicial com uma consoante anterior (daí o som *z*), só que neste caso inexistente. O último exemplo é uma repetição do pronome *o*, dito duas vezes. (RJR)

é correto e incorreto na linguagem? Que critérios usa para selecionar, polir e modificar expressões?"

As vezes, essa própria gente reflete sobre o assunto. O que diz sobre ele é, à primeira vista, surpreendente e, de qualquer modo, sua importância ultrapassa a esfera da linguagem. Frases, palavras e nuances são corretas porque eles, os membros da elite social, as usam. E são incorretas porque inferiores sociais as usam.

M. Thibault defende-se algumas vezes quando lhe dizem que é incorreta esta ou aquela construção de frase: "Estou muito agradecido à senhora, Madame", diz (*Du bon et du mauvais usage*, p. 23), "pelo trabalho que está tendo em me ensinar, mas me parece que a palavra 'defunto' é muito conhecida e usada por muita gente de boa educação (*honêtes gens*)."

"É bem possível," responde a senhora, "que haja muitas pessoas bem educadas que não conheçam suficientemente bem a delicadeza de nossa língua... uma delicadeza que é sentida por apenas um pequeno número de pessoas bem-falantes e que as leva a não dizer que um homem virou defunto a fim de dizer que ele faleceu."

Um pequeno círculo de pessoas é bem versado nessa delicadeza de linguagem. Falar como elas é igual a falar corretamente. O que os outros dizem não conta. Os juízos de valor são apodicticos. Qualquer razão além de "Nós, a elite, falamos assim e só nós temos sensibilidade para a língua" não é necessária nem conhecida. "Quanto a erros cometidos contra o bom uso", diz-se em outro trecho, "desde que não há regras claras, eles dependem apenas do consentimento de certo número de pessoas educadas, cujos ouvidos estão acostumados a certas maneiras de falar e as preferem a outras" (p. 98). E em seguida são listadas as palavras a evitar.

Palavras antiquadas são impróprias para a fala comum, séria. Palavras muito novas despertam suspeita de afetação — poderíamos talvez dizer, de esnobismo. Palavras eruditas que recendem a latim ou grego são suspeitas a todas as *gens du monde*. Cercam os que as usam de uma atmosfera de pedantismo, se são conhecidas outras palavras que dizem a mesma coisa com simplicidade.

Palavras em calão usadas por gente comum devem ser evitadas com todo o cuidado, porquanto demonstram que elas têm "baixa educação". "É a respeito dessas palavras, isto é, palavras em calão", diz o bem-falante cortesão, "que falamos neste contexto" — querendo falar da oposição entre linguagem de corte e burguesa.

A razão dada para o expurgo de palavras "inferiores" da língua é o refinamento dos sentimentos, que desempenha um papel nada pequeno em todo o processo civilizador. Mas este refinamento é distintivo de um grupo relativamente pequeno. Ou o indivíduo tem essa sensibilidade ou não — esta é, aproximadamente, a atitude do instrutor. As pessoas que possuem

esta delicadeza, um pequeno círculo, determinam por consenso o que deve ser considerado bom ou mau.

Em outras palavras, dentre todos os argumentos racionais que poderiam ser apresentados para a escolha de expressões, o argumento social, de que algo é melhor porque é o usado pela classe alta, ou mesmo por apenas uma elite dela, é sem dúvida o mais importante.

"Palavras antiquadas", palavras que saíram de moda, são usadas pela geração mais antiga ou por aqueles que não estão em contato permanente e direto com a vida da corte, os *déclassés*. "Um número excessivo" de novas palavras são usadas por um grupo de jovens que ainda não foram aceitos, que falam uma "gíria" especial, parte da qual talvez amanhã esteja em moda. "Palavras eruditas" são usadas, como na Alemanha, por pessoas educadas nas universidades, especialmente por advogados e altos administradores, isto é, na França pela *noblesse de robe*. "Expressões inferiores" são todas as palavras usadas da burguesia para baixo. A polêmica linguística corresponde a uma estratificação social bem definida, bem caracterizada. Indica e delimita o grupo que, em dado momento, exerce controle sobre a língua: em sentido mais amplo as *gens de la cour*, mas, em sentido mais restrito, um círculo menor, sumamente aristocrático, que temporariamente exerce influência na corte e que, com todo cuidado, se distingue dos arrivistas sociais, os cortesãos egressos dos viveiros burgueses, dos "antiquados", dos "jovens", dos concorrentes "esnobes" da geração em ascensão, e por último mas não menos importante, dos funcionários especializados oriundos das universidades. Esse círculo constitui a influência predominante na formação da linguagem nessa época. A maneira como falam os membros desses círculos mais amplos ou mais restritos da corte é "como se deve falar", falar *comme il faut*. Nesta esfera são formados os modelos de fala que subseqüentemente se espalham em ondas mais longas ou mais curtas. A maneira como uma língua se desenvolve e é definida corresponde a uma certa estrutura social. Conseqüentemente, do século XVIII em diante, a influência burguesa sobre a língua francesa lentamente ganha forças. Esta longa passagem através de um estágio dominado pela aristocracia da corte ainda hoje se percebe na língua francesa, como na alemã ainda se nota que passou pela dominação de uma *intelligentsia* educada de classe média. E em todos os casos em que elites ou pseudo-elites se formam na sociedade burguesa francesa, elas assimilam na linguagem essas tendências mais antigas e mais distintas.

Critérios Apresentados para Distinguir o "Bom" Comportamento e o "Mau"

11. A linguagem é uma das formas assumidas pela vida social ou mental. Grande parte do que se pode observar na maneira como a linguagem

é plasmada torna-se também evidente em outras formas que a sociedade assume. O modo como pessoas argumentam que este ou aquele comportamento ou costume à mesa é melhor que outro, por exemplo, mal se pode distinguir da maneira como alegam que uma expressão linguística é preferível a outra.

Isto não corresponde à expectativa que talvez tenha um observador do século XX. Ele, por exemplo, acha, talvez, que a eliminação do hábito de "comer com as mãos", a adoção do garfo, as louças e talheres individuais, e todos os demais rituais de seu próprio padrão podem ser explicados por "razões higiénicas". Isto porque é esta a maneira como ele mesmo explica, de modo geral, esses costumes. Mas o fato é que, em data tão recente como a segunda metade do século XVIII, praticamente nada desse tipo condicionava o maior controle que as pessoas impunham a si mesmas. De qualquer modo, as chamadas "explicações racionais" têm bem pouca importância em comparação com outras.

Nas primeiras fases a necessidade de controle em geral era explicada assim: Faça isto ou não faça aquilo, porque não é cortês, não é "fino". Um "nobre" não faz essas coisas. No máximo, a razão dada era a consideração pelo embaraço acaso criado para outrem, como no *Hofzucht*, de Tannhäuser, que diz: "Não te coces com a mão com que pegas também o prato comum de servir. Teus companheiros à mesa podem notar isto. Portanto, usa o casaco para te coçares" (Exemplo A, v. 109 e segs.). E é claro que o patamar do embaraço difere aqui do que foi observado no período seguinte.

Mais tarde, argumentos semelhantes eram usados para tudo: Não faça isso porque não é educado ou *bienséant*. Ou um argumento como esse era usado para explicar o respeito devido a pessoas de categoria social superior.

Assim como aconteceu com a maneira por que foi afeiçoada a fala, também na formação de outros aspectos do comportamento em sociedade as motivações sociais e a adaptação do comportamento aos modelos vigentes em círculos influentes foram, de longe, os motivos mais importantes. Até mesmo as expressões usadas na motivação do "bom comportamento" à mesa eram, com freqüência, as mesmas usadas para motivar a "fala correta".

Em *Du bon et du mauvais usage dans les manières de s'exprimer*, Callières, se refere, por exemplo, a esta ou aquela expressão "que a civilidade introduziu entre pessoas que falam corretamente" (p. 22).

Exatamente o mesmo conceito de *civilité* também é reiterado por Courtin e La Salle para declarar o que é correto e incorreto nas maneiras. E da mesma forma que Callières fala simplesmente de pessoas *qui parlent bien*, (que falam bem) Courtin (ao fim do Exemplo G), diz: "Antigamente tínhamos licença para fazer isto, mas hoje não é mais permitido". Em 1694,

afirma Callières que há muitas pessoas que não são suficientemente versadas na *délicatesse* da linguagem: "C'est cette délicatesse qui n'est connue que d'un petit nombre de gens". (É esta delicadeza que só é conhecida de pequeno número de pessoas). Courtin usa a mesma expressão em 1672 quando declara que é sempre necessário limpar a colher antes de colocá-la no prato comum, se a pessoa já a usou, "havendo pessoas tão *délicadas* que não gostariam de tomar uma sopa na qual você mergulhou a colher depois de tê-la levado à boca" (Exemplo G).

Esta *délicatesse*, esta sensibilidade, e um sentimento altamente desenvolvido de embaraço, são no início aspectos característicos de pequenos círculos da corte e, depois, da sociedade da corte como um todo. Isto se aplica à linguagem exatamente da mesma maneira que aos hábitos à mesa. Não se diz nem se pergunta em que se baseia essa delicadeza e por que ela exige que se faça isto e não aquilo. O que se observa é apenas que a "delicadeza" — ou melhor, o patamar do embaraço — está avançando. Juntamente com uma situação social muito específica, os sentimentos e emoções começam a ser transformados na classe alta, e a estrutura da sociedade como um todo permite que as emoções assim modificadas se difundam lentamente pela sociedade. Nada indica que a condição afetiva, o grau de sensibilidade, sejam mudados pelo que descrevemos como "evidentemente racional", isto é, pela compreensão demonstrável de dadas conexões causais. Courtin não diz, como se diria mais tarde, que algumas pessoas acham "anti-higiénico" ou "prejudicial à saúde" tomar sopa na mesma sopeira com outras pessoas. Não há dúvida de que a delicadeza de sentimentos é aguçada sob pressão da situação da corte, isto de uma maneira que mais tarde será parcialmente justificada por estudos científicos, mesmo que grande parte dos tabus que as pessoas gradualmente se impõem em seus contatos recíprocos, parte esta muito maior do que em geral se pensa, não tenha a menor ligação com a "higiene", sendo motivada — ainda hoje — apenas por uma "delicadeza de sentimentos". De qualquer modo, o processo se desenvolve em alguns aspectos de uma maneira que é o exato oposto do que em geral hoje se supõe. Em primeiro lugar, ao longo de um período extenso e em conjunto com uma mudança específica nas relações humanas, isto é, na sociedade, é elevado o patamar de embaraço. A estrutura das emoções, a sensibilidade, e o comportamento das pessoas mudam, a despeito de variações, em uma direção bem clara. Então, num dado momento, esta conduta é reconhecida como "higienicamente correta", isto é, é justificada por uma clara percepção de conexões causais, o que lhe dá mais consistência e eficácia. A expansão do patamar do embaraço talvez se ligue ocasionalmente a experiências mais ou menos indefinidas e, de início, racionalmente inexplicáveis, de como certas doenças são transmitidas ou, mais exatamente, talvez se ligue a medos e preocupações vagas e, por conseguinte, não esclarecidos, que apontam ambigualmente na direção

ão
sse
su-

ala,
dade
igen-
ntes.
ento"
a cor-

primer,
a civili-
or Cour-
neiras. E
lent bien,
mente tí-
Em 1694,

que mais tarde será confirmada pela racionalização. A "compreensão racional", porém, não é o que condiciona a "civilização" dos hábitos à mesa ou outras formas de comportamento.

Neste contexto, é altamente instrutivo o estreito paralelo entre a "civilização" dos hábitos à mesa e da fala. Fica claro que a mudança do comportamento à mesa é parte de uma transformação muito extensa por que passam sentimentos e atitudes humanas. Também se vê em que grau as forças motivadoras desse fenômeno se originam na estrutura social, na maneira como as pessoas estão ligadas entre si. Vemos com mais clareza como círculos relativamente pequenos iniciam o movimento e como o processo, aos poucos, se transmite a segmentos maiores. Esta difusão, porém, pressupõe contatos muito específicos e, por conseguinte, uma estrutura bem definida da sociedade. Além do mais, ela certamente não poderia ter ocorrido se não houvessem sido estabelecidas para classes mais amplas, e não apenas para os círculos que criaram o modelo, condições de vida — ou, em outras palavras, uma situação social — que tornassem possível e necessária uma transformação gradual das emoções e do comportamento, um avanço no patamar do embaraço.

O processo que assim emerge lembra, na sua forma — embora não em substância —, processos químicos nos quais um líquido, cujo todo é sujeito a condições de mudança química (como, por exemplo, a cristalização), começa adquirindo forma cristalina em um pequeno núcleo enquanto o resto só gradualmente se cristaliza em torno dele. Nada seria mais errôneo do que considerar o núcleo da cristalização como causa da transformação.

O fato de uma dada classe em uma fase ou outra do desenvolvimento social formar o centro de um processo e, desta forma, fornecer modelos para outras classes, e de que estes modelos sejam difundidos e aceitos por elas já pressupõe uma situação social e uma estrutura especial de sociedade como um todo, em virtude da qual a um círculo é cometida a função de criar modelos e a outro as de difundir e assimilá-los. Adiante discutiremos em detalhes os tipos de mudança na integração social que detonaram essas mudanças no comportamento.

Grupo 2:

Do Costume de Comer Carne

1. Embora os fenômenos humanos — sejam atitudes, desejos ou produtos da ação do homem — possam ser examinados em si, independentemente de suas ligações com a vida social, eles, por natureza, nada mais são que concretizações de relações e comportamento, materializações da vida

social e mental. Isto se aplica à fala, que nada mais é que relações humanas transformadas em som, e também à arte, ciência, economia e política, e não menos a fenômenos que se classificam como importantes em nossa escala de valores e a outros que nos parecem triviais e insignificantes. Não raro são exatamente estes últimos, os fenômenos triviais, que nos dão intuições claras e simples da estrutura e desenvolvimento da psique e suas relações, que nos eram negadas pelos primeiros. As atitudes do homem em relação ao consumo de carne, por exemplo, são muito esclarecedoras no tocante à dinâmica das relações humanas e às estruturas da personalidade.

Na Idade Média, as pessoas oscilam entre pelo menos três conjuntos de comportamento no tocante à carne. Aqui como em centenas de outros fenômenos, notamos a extrema diversidade de comportamento característica da sociedade medieval, em comparação com sua equivalente moderna. A estrutura social do medievo admite bem pouco a difusão de modelos desenvolvidos em um centro social específico, pela sociedade como um todo. Certos tipos de comportamento predominam por vezes no seio de uma dada classe social por todo o Mundo Ocidental, enquanto em uma diferente classe ou estamento, o comportamento difere muito. Por esta razão, as diferenças comportamentais entre classes distintas na mesma região são muitas vezes mais acentuadas do que as existentes entre representantes regionalmente separados da mesma classe social. E, se os tipos de comportamento passam de uma classe a outra, o que decerto ocorre, o que mais os altera, radicalmente mesmo, é o isolamento maior ou menor entre elas.

A relação com o consumo de carne oscila no mundo medieval entre os dois pólos seguintes: Por um lado, na classe alta secular o consumo de carne é muito alto, se comparado com o padrão de nossos tempos. Prevalece a tendência de devorar quantidades de carne que nos parecem fantásticas. Por outro, nos mosteiros predomina a abstenção ascética de toda carne, abstenção esta que resulta de auto-renúncia e não de carência e é amiúde acompanhada de radical depreciação ou restrição à ingestão de alimentos. Desses círculos partem manifestações de forte aversão à "gluttonaria" de leigos da classe alta.

O consumo de carne pela classe mais baixa, os camponeses, é também com frequência muito limitado — não por necessidade espiritual ou por renúncia voluntária por causa de Deus ou do além, mas por mera escassez. O gado é caro e, por isso mesmo, destinado durante longo período apenas às mesas dos dominantes. "Se o camponês criava gado", dizia-se,⁵⁶ "era principalmente para os privilegiados, a nobreza, e os burgueses", não esquecendo os religiosos, que variavam do ascetismo a, aproximadamente, o mesmo comportamento da classe alta secular. São limitados os dados exatos sobre o consumo de carne pelas classes altas na Idade Média e no início da era moderna. Havia sem dúvida grandes diferenças entre os ca-

valeiros e os grandes senhores feudais. Com freqüência, o padrão de vida dos cavaleiros mal se diferenciava daquele em que viviam os camponeses.

Um cálculo do uso da carne de vaca em uma corte do norte da Alemanha em data relativamente recente, o século XVII, indica um consumo de cerca de um quilo *per capita* ao dia, além de grandes quantidades de carne de caça, aves, e peixes.⁵⁷ As especiarias desempenham papel importante e as verduras muito secundário. Outras informações apontam mais ou menos na mesma direção. Mas o assunto precisa ainda ser investigado em detalhe.

2. Já outra mudança pode ser documentada com mais exatidão. A maneira como a carne era servida mudou consideravelmente da Idade Média até a época atual. É das mais instrutivas a curva dessa mudança. Na classe alta medieval, o animal morto ou grandes partes do mesmo eram trazidas inteiras para a mesa. Não só peixes e aves inteiras (às vezes, com as penas) mas também coelhos, cordeiros e quartos de veado aparecem na mesa, para não mencionar pedaços maiores de carne de caça, porcos e bois assados no espeto.⁵⁸

O animal é trinchado à mesa. Este o motivo por que livros sobre boas maneiras repetem, até o século XVII e, às vezes, até no século XVIII, que é importante que o homem educado saiba trincar bem. "Discenda a primis statim annis secandi ratio..." (A maneira correta de trincar deve ser ensinada desde os primeiros anos), diz Erasmo em 1530.

"Quando servindo", instrui Courtin em 1672,

a pessoa deve sempre dar a outrem a melhor porção e conservar para si a menor, e em nada tocar, exceto com o garfo. Este é o motivo por que, se uma pessoa de alta categoria lhe pede algo que está à sua frente, é importante que você saiba como cortar a carne com elegância e método, e identificar os melhores pedaços, a fim de poder servi-la com civilidade. A maneira de cortar não é ensinada aqui, uma vez que se trata de assunto sobre o qual foram escritos livros especializados, nos quais todas as peças são representadas a fim de mostrar onde a carne deve ser inicialmente segurada com um garfo para cortá-la, pois, como dissemos acima, a carne nunca deve ser tocada... pela mão, nem mesmo quando se a come; em seguida, onde a faca deve ser colocada para cortá-la; que pedaço deve ser separado inicialmente... qual o melhor pedaço e o pedaço de honra que deve ser servido à pessoa de mais alta categoria presente. É fácil aprender a trincar depois de a pessoa ter freqüentado três ou quatro vezes uma boa mesa, e por esta razão não é vergonha pedir desculpa e deixar a outrem a tarefa que não podemos realizar.

O equivalente alemão, o *New vermerhtes Trincier-Büchlein* (Novo e ampliado manual de trinchamento), impresso em Rintelen em 1650, diz:

Uma vez que o cargo de trinchador em uma corte principesca não é considerado o mais baixo, mas figura entre os mais respeitados, a pessoa que o exerce deve, por conseguinte, ser ou de nobreza ou de outra boa origem, de corpo espigado e bem proporcionado, bons e fortes braços e mãos ágeis. Em todos os trinchos

públicos, ela deve abster-se... de grandes movimentos e de cerimônias inúteis e tolas... e tomar todo cuidado para não ficar nervosa, *de modo a não trazer desonra a si mesma por tremor do corpo e das mãos* e porquê, de qualquer maneira, isto não cabe em mesas principescas.

O trincho e a distribuição da carne são honras especiais. A tarefa cabe em especial ao dono da casa ou a hóspedes ilustres, a quem ele solicita que realize o trabalho. "Os jovens e os de classe inferior não devem interferir no ato de servir, mas apenas aceitar o que lhes for entregue na sua vez", diz a *Civilité française* anônima, de 1714.

No século XVII o trincho da carne à mesa deixa gradualmente de ser, na aristocracia francesa, uma perícia indispensável ao homem do mundo, tal como a caça, a esgrima, e a dança. O trecho citado de Courtin indica esse fato.

3. O fato de desaparecer gradualmente o costume de colocar na mesa grandes pedaços de animal para serem trinchados liga-se a muitos fatores. Um dos mais importantes talvez seja a redução gradual do tamanho da unidade familiar,⁵⁹ como parte do movimento de famílias mais numerosas para famílias menores; em seguida, ocorre a transferência de atividades de produção e processamento, como fiação, tecelagem e abate de animais, da casa para especialistas, artesãos, mercadores e fabricantes, que as desempenham profissionalmente enquanto a família torna-se basicamente uma unidade de consumo.

Neste caso, também, a tendência psicológica acompanha um processo social mais amplo: hoje causaria repugnância a muitas pessoas se elas ou outras tivessem que trincar meio novilho ou um porco à mesa ou cortar a carne de um faisão ainda adornado com suas penas.

Há mesmo *des gens si délicats* (pessoas tão delicadas) — para repetir a frase de Courtin com referência a um processo correlato —, para quem a vista de açougues, com o corpo de animais mortos expostos, é sumamente desagradável, e outras que, por sentimentos mais ou menos racionalmente disfarçados de nojo, se recusam terminantemente a comer carne. Mas estas são novidades no patamar de repugnância que ultrapassam o padrão de sociedade civilizada do século XX e, por isso mesmo, são consideradas "anormais". Não obstante, não podemos ignorar que foram progressos desse tipo (se coincidiram com a direção do desenvolvimento social mais amplo) que deram origem, no passado, a mudanças de padrão, e que este avanço específico do patamar da repugnância encaminha-se na mesma direção seguida até então.

Esta direção é bem clara. A partir de um padrão de sentimentos segundo o qual a vista e trincho de um animal morto à mesa eram coisas realmente agradáveis, ou pelo menos não desagradáveis, o desenvolvimento levou a outro padrão pelo qual a lembrança de que o prato de carne tem algo a ver com o sacrifício do animal é evitada a todo custo. Em muitos de nossos

pratos de carne, a forma do animal é tão disfarçada e alterada pela arte de sua preparação e trincho que quando a comemos quase não nos lembramos de sua origem.

Será mostrado que as pessoas, no curso do processo civilizatório, procuram suprimir em si mesmas todas as características que julgam "animais". De igual maneira, suprimem essas características em seus alimentos.

Nesta área, igualmente, o desenvolvimento tampouco é uniforme em toda a parte. Na Inglaterra, por exemplo, onde muitos aspectos da vida as formas mais antigas são mais preservadas do que no continente europeu, o ato de servir grandes pedaços de carne (e com eles a tarefa, que cabe ao dono da casa, de trinchá-la e servi-la) sobrevive sob a forma do "quarto", com osso e tudo em maior extensão do que na sociedade urbana da Alemanha e França. Não obstante, inteiramente à parte o fato de que o quarto atual é em si uma forma muito reduzida da colocação na mesa de grandes pedaços de carne, não deixou de haver reações a ele que assinalam o avanço do patamar da repugnância. A adoção do "sistema russo" de maneiras à mesa na sociedade, em meados do último século, foi um movimento nessa direção. "Nossos maiores agradecimentos ao novo sistema", diz um livro inglês sobre boas maneiras, *The Habits of Good Society* (1859), "são merecidos por ter ele banido aquele barbarismo insuportável — o quarto de boi. Coisa alguma pode fazer com que um quarto de boi pareça elegante, ao mesmo tempo que oculta o dono da casa e o condena ao sofrimento do trincho... A verdade é que, *a menos que nosso apetite seja muito voraz, a vista de tanta carne cheirando mal em seu molho é suficiente para destruí-lo inteiramente*, e um enorme quarto de animal parece escolhido sob medida para repugnar o epicurista. Se absolutamente consumidos, os quartos devem ser postos em uma mesa lateral, onde ficarão longe da vista" (p. 314).

A tendência cada vez mais forte de remover o desagradável da vista aplica-se, com raras exceções, ao trincho do animal inteiro.

O ato de trinchar, conforme demonstram os exemplos, outrora constituiu parte importante da vida social da classe alta. Depois, o espetáculo passou a ser julgado crescentemente repugnante. O trincho em si não desagrada, uma vez que o animal, claro, tem que ser cortado antes de ser comido. O repugnante, porém, *é removido para o fundo da vida social*. Especialistas cuidam disso no açougue ou na cozinha. Repetidamente iremos ver como é característico de todo o processo que chamamos de civilização esse movimento de segregação, este ocultamento "para longe da vista" daquilo que se tornou repugnante. A curva que ocorre do trincho de grande parte do animal ou do animal inteiro, passando pelo avanço do patamar da repugnância à vista dos animais mortos, para a transferência do trincho a enclaves especializados por trás das cenas, constitui uma típica curva civilizadora.

Resta a ser investigado até que ponto processos parecidos são subjacentes a fenômenos semelhantes em outras sociedades. Na antiga civilização

chinesa, mais que em qualquer outra, o ocultamento do ato de trincar por trás das cenas foi efetuado mais cedo e mais radicalmente do que no Ocidente. Na China, o processo é levado tão longe que se trincha e corta toda carne em um lugar inteiramente reservado e a faca é inteiramente banida do uso à mesa.

O Uso da Faca à Mesa

4. A faca, igualmente, pela própria natureza de seu uso social, reflete mudanças na personalidade humana, com suas mutáveis compulsões e desejos. Ela é materialização de situações históricas e de fidelidades estruturais da sociedade.

Uma coisa acima de todas é característica de seu uso como utensílio da mesa em nossa atual sociedade ocidental: as inumeráveis proibições e tabus que a cercam.

A faca é com certeza um instrumento perigoso já no que poderíamos chamar de sentido racional. É uma arma de ataque. Provoca ferimentos e descarna animais que foram abatidos.

Mas esse aspecto obviamente perigoso está inçado de emoções. A faca torna-se símbolo dos sentimentos os mais diversos, ligados à sua função e forma, mas não deduzidos "logicamente" de sua finalidade. O medo que desperta ultrapassa o racional e é maior do que o perigo "calculável", provável. E o mesmo vale quanto ao prazer que seu uso e aparência despertam, mesmo que este aspecto seja hoje menos evidente. De acordo com a estrutura de nossa sociedade, o ritual diário de seu uso é hoje determinado mais pelo desagrado e medo do que pelo prazer que a cerca. Por isso, seu uso mesmo à refeição é restringido por grande número de proibições. Estas, conforme já dissemos, estende-se muito além do "puramente funcional". Mas para todas elas nos ocorre facilmente uma explicação racional, em geral vaga e nem sempre fácil de se provar. Só quando esses tabus são examinados em conjunto surge a suposição de que a atitude social em relação à faca e às regras que lhe pautam o uso à mesa — e acima de tudo os tabus que a cercam — são primariamente de natureza emocional. Medo, repugnância, culpa, associações e emoções dos tipos os mais díspares lhe exageram o perigo real. E é exatamente isto o que ancora tão firme e profundamente essas proibições na personalidade e lhes dá o caráter de tabus.

5. Na Idade Média, com sua classe dominante de guerreiros e a constante disposição para a luta, e em conformidade com o estágio de controle de emoções e face aos regulamentos relativamente tolerantes impostos às compulsões, são muito poucas as proibições relativas às facas. "Não limpe os dentes com a faca" é uma exigência constante, mas é a principal proibição e não aponta para futuras restrições ao utensílio. Além do mais, a faca

é, de longe, o utensílio mais importante à mesa. Que seja levada à boca é algo que se aceita como natural.

Mas há indicações em fins da Idade Média, mais diretas ainda que em qualquer período posterior, de que a cautela necessária no uso da faca tem origem não só na consideração racional de que o indivíduo pode cortar-se, ou machucar-se de alguma maneira, mas, acima de tudo, na emoção provocada pela vista ou idéia de uma faca apontada para o próprio rosto.

Não volteis tua faca para o rosto,
Pois há nisso perigo e grande risco.

Lemos no *Book of Curtesye* de Caxton (v. 28). Aqui como em toda parte mais tarde, está de fato presente o elemento de perigo racionalmente calculável, e a advertência se refere a isso. Mas são a memória e associação da faca com a morte e o perigo, o significado simbólico do instrumento, somados à cada vez maior pacificação interna da sociedade e à gradual preponderância de sentimentos de desagrado com sua presença, que levam à limitação e suspensão final de seu uso em sociedade. A simples vista de uma faca apontada para o rosto provoca medo: "Não volteis a faca contra o rosto, porque nisto há razão para muito medo." Esta é a base emocional de um poderoso tabu de uma época posterior, que proíbe que se leve a faca à boca.

O caso é semelhante à proibição que, em nossa série de exemplos, foi mencionada pela primeira vez por Calviac em 1560 (ao fim do Exemplo E): Se passa uma faca a alguém, pegue-a pela ponta e lhe ofereça o cabo, "porque não seria polido agir de outra maneira".

Neste exemplo como era tão comum até que, em fase posterior, a criança recebesse uma explicação "racional" de todas as proibições, nenhuma explicação é dada para o ritual social exceto que "não seria polido proceder de outra maneira". Mas não é difícil perceber o significado emocional dessa instrução: ninguém deve virar a ponta da faca na direção de alguém, como se num ataque. O mero significado simbólico desse ato, a recordação de uma ameaça belicosa, é desagradável. Aqui, também o ritual da faca contém um elemento racional. O indivíduo poderia usar o ato de passar a faca a fim de cravá-la inesperadamente em alguém. Um ritual social é formado em torno desse perigo porque o gesto ameaçador em si se enraíza em um nível emocional, como fonte geral de desagrado, símbolo de morte e perigo. A sociedade, que nessa época começa a limitar cada vez mais os perigos reais que ameaçam o homem e, em consequência, a remodelar sua vida afetiva, coloca também cada vez mais barreiras em torno dos símbolos, dos gestos, e dos instrumentos de perigo. Aumentam, assim, as restrições e proibições ao uso da faca, juntamente com as limitações impostas ao indivíduo.

6. Se deixamos de lado os detalhes desse fenômeno e estudamos apenas o resultado, a forma atual do ritual da faca, descobrimos uma espantosa abundância de tabus de variada severidade. O imperativo de nunca levar

a faca à boca é um dos mais sérios e mais conhecidos. Quase dispensa dizer que ele exagera em excesso o perigo real e provável, isto porque os grupos sociais, acostumados a usá-las e comer com elas, raramente se machucam ao fazê-lo. A proibição transformou-se em um modo de distinção social. Na sensação desagradável que nos assalta à mera vista de alguém pondo uma faca na boca, tudo isto se apresenta simultaneamente: o modo geral que o símbolo desperta e o medo mais específico de degradação social que pais e educadores, desde cedo, ligaram a essa prática com suas advertências de que "isto não se faz".

Mas há outras proibições a respeito das facas que pouco ou nada têm a ver com perigo direto ao corpo e que parecem apontar para outros significados simbólicos que não a associação com a guerra. A proibição muito rigorosa de se comer peixe com faca — ladeada e alterada hoje pela adoção de uma faca especial — parece à primeira vista muito obscura em seu significado emocional, embora a teoria psicanalítica aponte pelo menos para uma explicação. Há uma proibição muito conhecida de pegar talheres, especialmente facas, com a mão inteira, "como se fosse um porrete", como diz La Salle, embora no caso, ele se referisse apenas ao garfo e à colher (Exemplo J). Há ainda, obviamente, a tendência geral a eliminar ou, pelo menos, restringir o contato da faca com objetos redondos ou ovóides. A mais conhecida e uma das mais graves dessas proibições é a relativa a cortar batatas com faca. Mas a proibição, menos rigorosa, de cortar bolinhos de massa ou abrir ovos quentes com faca aponta também na mesma direção e, às vezes, em círculos muito sensíveis, encontramos a tendência de evitar cortar maçãs ou mesmo laranjas dessa maneira. "Eu poderia sugerir que nenhum epicurista jamais cortou maçã com faca e que a laranja deve ser descascada com uma colher", diz *The Habits of Good Society*, de 1859 e 1889.

7. Mas estas proibições particulares mais ou menos rigorosas, cuja lista poderia ser certamente ampliada, são, em certo sentido, apenas exemplos de uma linha geral de desenvolvimento muito característica no uso da faca. Há uma tendência, que lentamente se infiltra em toda a sociedade civilizada, de alto a baixo, no sentido de restringir o uso da faca (no contexto das técnicas em uso à mesa) e, em todos os casos possíveis, não usá-la em absoluto.

A tendência surge pela primeira vez em um preceito aparentemente tão trivial e óbvio como o citado no Exemplo I: "Não conserve sempre a faca na mão, como fazem os camponeses, mas pegue-a apenas quando dela necessitar." O preceito é evidentemente muito forte em meados do último século, quando o livro inglês de boas maneiras que acabamos de citar, *The Habits of Good Society*, diz: "Permita-me dar-lhe uma regra: tudo o que puder ser cortado sem faca deve ser cortado apenas com o garfo." E precisamos apenas observar o uso nos dias de hoje para encontrar confirmada essa tendência. Este é um dos poucos casos claros de um fenômeno que

está começando a transcender o padrão de técnica e ritual à mesa atingido pela sociedade cortesã. Mas, claro, isto não quer dizer que a "civilização" do Ocidente continuará realmente nesta direção. É um começo, uma possibilidade como tantas outras que surgem em todas as sociedades. Ainda assim, não é inconcebível que a preparação dos alimentos na cozinha evolua em uma direção que restrinja ainda mais o uso da faca à mesa, deslocando-a, ainda mais do que até agora, para enclaves especializados que se situam em segundo plano.

Fortes movimentos retroativos não são certamente impensáveis. É bem sabido que as condições de vida na I Guerra Mundial automaticamente provocaram a suspensão de alguns dos tabus da civilização de tempos de paz. Nas trincheiras, oficiais e soldados, quando necessário, comiam usando facas e mãos. O patamar de delicadeza encolheu-se com grande rapidez sob a pressão de uma situação inescapável.

A parte dessas interrupções, sempre possíveis e que podem também levar a novas configurações de costumes, é bastante clara a linha do desenvolvimento no emprego da faca.⁶⁰ A regulação e o controle das emoções intensificam-se. As instruções e proibições a respeito de um instrumento ameaçador tornam-se cada vez mais numerosas e diferenciadas. Finalmente, o emprego do símbolo ameaçador é tão limitado quanto possível.

Não podemos evitar comparar a direção dessa curva de civilização com o costume há muito praticado na China. Neste país, como se sabe, a faca desapareceu há muitos séculos como utensílio de mesa. Para muitos chineses, é inteiramente incivil a maneira como os europeus comem. "Os europeus são bárbaros", dizem eles, "eles comem com espadas." Podemos supor que este costume está ligado ao fato de que desde há muito tempo a classe alta que criava os modelos na China, não foi guerreira, mas uma classe pacífica em altíssimo grau, uma sociedade de funcionários públicos eruditos.

Do Uso do Garfo à Mesa

8. Qual a real utilidade do garfo? Serve para levar à boca a comida que já foi cortada. Por que precisamos de um garfo para fazer isso? Por que não usamos os dedos? Porque isso é coisa de "canibal", como disse em 1859 o "Homem à Janela do Clube", o anônimo autor de *The Habits of Good Society*. Por que é coisa de "canibal" comer com os dedos? Isso não é perguntado. É *evidentemente* canibalesco, bárbaro, incivil ou o que quer mais que se queira chamá-lo.

Mas essa é exatamente a pergunta: Por que é mais civilizado comer com garfo?

"Porque é anti-higiênico comer com os dedos." Isto parece convincente. Para nossa sensibilidade, é anti-higiênico se diferentes pessoas põem os dedos

no mesmo prato, porque há o perigo de contágio de doenças através de contatos com elas. Parece que todos tememos que os outros estejam doentes.

A explicação, porém, não satisfaz inteiramente. Hoje não comemos em pratos comuns. Todos levam à boca a comida que tiraram do próprio prato. Pegá-la no próprio prato com os dedos não pode ser mais anti-higiênico do que levar à boca com os dedos um pedaço de bolo, de pão, de chocolate, ou qualquer outra coisa.

Neste caso, por que precisamos realmente de garfo? Por que é "bárbaro" e "incivil" levar à boca com a mão a comida tirada do próprio prato? Porque é repugnante sujar os dedos ou, pelo menos, ser visto em sociedade com os dedos sujos. A eliminação do ato de comer com a mão do próprio prato pouco tem a ver com o perigo de contrair doença, a chamada explicação "racional". Estudando nossos sentimentos em relação ao ritual do garfo, podemos ver com especial clareza que a primeira autoridade em nossa escolha entre comportamento "civilizado" e "incivil" à mesa é o nosso sentimento de repugnância. O garfo nada mais é que a corporificação de um padrão específico de emoções e um nível específico de nojo. Por trás da mudança nas técnicas à mesa ocorrida entre a Idade Média e os tempos modernos reaparece o mesmo processo que emergiu na análise de outras explicações desse mesmo processo: uma mudança na estrutura de impulsos e emoções.

Tipos de comportamento que na Idade Média não eram julgados, no mínimo, repugnantes são crescentemente acompanhados de sentimentos desagradáveis. O padrão de delicadeza encontra expressão em proibições sociais correspondentes. Esses tabus, tanto quando podem ser apurados, nada mais são do que sentimentos ritualizados ou institucionalizados de desgosto, antipatia, repugnância, medo ou vergonha. sentimentos estes que foram socialmente alimentados em condições muito específicas e que são constantemente reproduzidos, não só, mas principalmente, porque se tornaram institucionalmente enraizados em um dado ritual, em dadas formas de conduta.

Os exemplos demonstram — uma amostragem certamente limitada e numa seleção algo aleatória de afirmações — como, na fase de desenvolvimento na qual o uso do garfo ainda não era considerado natural, é lentamente ampliada a sensação de desgosto que primeiro se formou em um círculo fechado. "É muito grosseiro", diz Courtin em 1672 (Exemplo G), "tocar qualquer coisa gordurosa. molho, xarope, etc., com os dedos, à parte o fato de que isto o obriga a cometer mais dois ou três atos indelicados. Um deles seria enxugar freqüentemente a mão no guardanapo e sujá-lo como se fosse um trapo de cozinha, de modo que as pessoas que o vissem limpar a boca com ele se sentissem nauseadas. Outro seria limpar os dedos no pão, o que, mais uma vez, é sumamente grosseiro. [N.B. Os termos franceses *propre* e *malpropre* usados por Courtin e explicados em um de seus capítulos coincidem menos com os termos alemães relativo a limpo e sujo — (*sauber*

e *unsauber* — do que a palavra mais freqüente no passado, *proper*.] O terceiro seria lambê-los, o que constitui o auge da falta de educação.”

A *Civilité*, de La Salle (Exemplo J, 1729), que ensina a conduta da classe alta a círculos mais amplos, relata em uma de suas páginas: “Quando os dedos estão engordurados, limpe-os primeiro com um pedaço de pão.” Isto mostra como estava longe de ter aceitação geral, mesmo nessa época, o padrão de delicadeza que Courtin já propusera décadas antes. Por outro lado, La Salle repete literalmente o preceito de Courtin de que “a *Bienéance* não permite que se toque com os dedos qualquer coisa gordurosa, tampouco molhos ou xaropes.” E exatamente como Courtin, menciona entre as *incivilités* que se seguem limpar os dedos no pão e lambe-los, além de sujar o guardanapo.

Pode-se ver que as maneiras, nestes casos, continuam em processo de formação. O novo padrão não surge da noite para o dia. Algumas formas de comportamento são proibidas não porque sejam anti-higiênicas, mas por que são feias à vista e geram associações desagradáveis. A vergonha de dar esse espetáculo, antes ausente, e o medo de provocar tais associações, difundem-se gradualmente dos círculos que estabelecem o padrão para outros mais amplos, através de numerosas autoridades e instituições. Não obstante, uma vez sejam despertados e firmemente estabelecidos na sociedade, esses sentimentos através de certos rituais, como o que envolve o garfo, são constantemente reproduzidos enquanto a estrutura das relações humanas não for fundamentalmente alterada. A geração mais antiga, para quem esse padrão de conduta é aceito como natural, insiste com as crianças, que não vêm ao mundo já munidas desses sentimentos e deste padrão, para que se controlem mais ou menos rigorosamente de acordo com os mesmos e contenham seus impulsos e inclinações. Se tenta tocar alguma coisa pegajosa, úmida ou gordurosa com os dedos, a criança é repreendida: “Você não deve fazer isso. Gente fina não faz isso.” E o desagrado com tal conduta, que é assim despertado pelo adulto, finalmente cresce com o hábito, sem ser induzido por outra pessoa.

Em grande parte, contudo, a conduta e vida instintiva da criança são postas à força, mesmo sem palavras, no mesmo molde e na mesma direção pelo fato de que um dado uso da faca e do garfo, por exemplo, está inteiramente firmado no mundo adulto — isto é, pelo exemplo do meio. Uma vez que a pressão e coação exercidas por adultos individuais é aliada da pressão e exemplo de todo o mundo em volta, a maioria das crianças, quando crescem, esquece ou reprime relativamente cedo o fato de que seus sentimentos de vergonha e embaraço, de prazer e desagrado, são moldados e obrigados a se conformar a certo padrão de pressão e compulsão externas. Tudo isso lhes parece altamente pessoal, algo “interno”, implantado neles pela natureza. Embora seja ainda bem visível nos escritos de Courtin e La Salle que os adultos, também, foram inicialmente dissuadidos de comer com os dedos por

consideração para com o próximo, por "polidez", para poupar a outros um espetáculo desagradável, e a si mesmos a vergonha de serem vistos com as mãos sujas, mais tarde isto se torna cada vez mais um automatismo interior, a marca da sociedade no ser interno, o superego, que proíbe ao indivíduo comer de qualquer maneira que não com o garfo. O padrão social a que o indivíduo fora inicialmente obrigado a se conformar por restrição externa é finalmente reproduzido, mais suavemente ou menos, no seu íntimo através de um autocontrole que opera mesmo contra seus desejos conscientes.

Desta forma, o processo sócio-histórico de séculos, no curso do qual o padrão do que é julgado vergonhoso e ofensivo é lentamente elevado, recensa-se em forma abreviada na vida do ser humano individual. Se quiséssemos expressar processos repetitivos desse tipo sob a forma de leis, poderíamos falar, como um paralelo às leis da biogênese, de uma lei fundamental de sociogênese e psicogênese.

V

Mudanças de Atitude em Relação a Funções Corporais

Exemplos

Século XVI

A

De *S'ensuivent les contenance de la table*:

VIII

Antes de sentar-se, certifique-se de que seu assento não foi emporcalhado.

B

De *Ein spruch der ze tische kèrt.* ⁶¹

329. Não se toque por baixo das roupas com as mãos nuas.

C

1530

Extraído de *De civilitate morum pueritium*, de Erasmo. Os excertos foram retirados da edição de Colônia, de 1530, que provavelmente já fora lançada com finalidades educativas. Sob o título aparece a seguinte nota: "Reconhecida pelo autor e elucidada com novos escólios por Gisbertus Longolius Utraiectinus, Colônia, no ano XXX" (= 1530). O fato de essas questões serem